

convergencia

OUT — 1984 — ANO XIX — Nº 176



- **SEGUIR JESUS CRISTO, HOJE, NA AMÉRICA LATINA:
EXIGÊNCIA EVANGÉLICA** — Irmã Vilma Moreira, FI — página 465
- **O APRENDIZADO DE UMA CAMINHADA (GRE)**
Grupo de Reflexão sobre Educação — página 477
- **A PALAVRA DE DEUS NA CAMINHADA DO POVO**
Irmã Ana Roy — página 503

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Equipe de Programação:

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1984:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1984	Cr\$ 12.000,00
Exterior: marítima	US\$ 26,00
aérea.....	US\$ 34,00
Número avulso	Cr\$ 1.200,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa

Uma simples SETA retorcida e em trejeitos a indicar duas direções. Roland Barthes propõe dois elementos de medida para se avaliar o interesse de um desenho ou de uma foto quaisquer: o *studium*, ou seja, o esforço e inclinação cultural de cada um; e o *punctum*, isto é, um detalhe que parte da imagem e atinge, de imediato, a consciência. Coisas óbvias se revestem, por vezes, de maior complexidade. Aceitando-se, todavia, a regra deste jogo semiológico de avaliação, pode-se concluir sobre nossa capa: a SETA, como figurada, é o emblema da indecisão, da ambigüidade, da indefinição, do gosto da pesca em águas turvas. O significado é evidente demais para ser tido como definitivamente apreendido. Para baixo ou para cima? Muito pelo contrário. Avançar ou retroceder? Nem uma nem outra alternativa. Permanecer.

Marcar passo. Estacionar. Denunciar (direção inferior) avivando a consciência dos erros? Ou, anunciar (direção superior) os caminhos a percorrer? Nada disso. Omitir-se, esta forma sinuosa de dourada irresponsabilidade. Há conflitos compatíveis com a Vida Religiosa. E, por isso, fecundos. Outros há, entretanto, irreconciliáveis com ela. E, por isso, estéreis e dopantes. A indecisão e a ambigüidade são espécies deste gênero. O Evangelho é categórico: "Ninguém pode servir a dois senhores" (Mt 6, 24). E o Apocalipse, ao anjo da Igreja de Laodicéia, registra: "Porque és morno, nem frio nem quente, começar-te-ei a vomitar da minha boca" (Apoc 3, 16). CONVERGÊNCIA, a revista dos Religiosos e Religiosas do Brasil, veicula um discurso afirmativo, revelador de coragem e de fé na Vida Religiosa. A falta de audácia de nossa parte pode paralisar o Espírito. CONVERGÊNCIA, leitura útil para qualquer momento e na formulação do futuro. Alarga o espaço onde os Religiosos se irmanam aos seus ideais, numa comunhão mais freqüente e mais fácil, aprimorando o traço de união por que tanto se empenha a Conferência dos Religiosos do Brasil (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	449
MENSAGEM DO PAPA	451
INFORME DA CRB	453
SEGUIR JESUS CRISTO, HOJE, NA AMÉRICA LATINA: EXIGÊNCIA EVANGÉLICA Irmã Vilma Moreira, FI	465
O APRENDIZADO DE UMA CAMINHADA (GRE) Grupo de Reflexão sobre Educação	477
UMA PEDAGOGIA EVANGELIZADORA PARA A AMÉRICA LATINA Pe. Antonio González Dorado, SJ	491
A PALAVRA DE DEUS NA CAMINHADA DO POVO Irmã Ana Roy	503

EDITORIAL

A vida Religiosa constitui, no seio da Igreja, uma especial forma de vida cristã, de vocação missionária. Pelo Projeto de Vida que se propõe viver, visibiliza a vocação que a Igreja, como um todo, é chamada a realizar: anunciar e testemunhar a VIDA NOVA que em Cristo apareceu: no seu peregrinar pelos caminhos da Judéia e Galiléia, na sua Páscoa para o PAI, e na difusão de seu Espírito.

Por isso, como Igreja e na Igreja, a Vida Religiosa carrega em seu seio o mesmo dinamismo pascal que levou os Apóstolos a assumirem, de imediato e corajosamente, a postura missionária que o Espírito deles exigiu no Pentecostes.

O anúncio e testemunho da absoluta NOVIDADE acontecia em Cristo, potenciados pelo dom do Espírito do Senhor Jesus, marcou a radical reviravolta concretizada na vida dos Discípulos do Nazareno. A missão do Profeta Jeremias, enviado a plantar e arrancar, a destruir e construir, passou a ser a missão dos Apóstolos, da Igreja e de todos os que se consagraram ao Senhor Deus pela Vida Religiosa. O poder de transformação da vida que proclamam, é a força mesma da Palavra que não volta à sua Fonte sem produzir muito fruto. Por sua causa, PAULO, que, já havia feito do Cristo a

VIDA da própria vida, se impôs a irrecusável exigência: "Ai de mim se não evangelizar!"

É nesse campo que se joga o jogo da Vida Religiosa. Dinamizada pelo Espírito, em seus multiformes dons, ela é chamada pois, a realizar a missão profética de agente de transformação, pelo anúncio e testemunho do radicalmente NOVO em Cristo, no coração da história dos homens. A Vida Religiosa, evangelizadora em sua estrutura mais genuína e carismática, impõe-se a mesma exigência do Apóstolo: anunciar e explicitar a presença transformadora do Cristo na vida dos homens e nas estruturas da sociedade. Missionária por excelência, deve ter a necessária sensibilidade interior para detectar os impulsos do Espírito no HOJE da Igreja, e as urgências de transformação que o HOJE do mundo reclama.

CONVERGÊNCIA quer ajudar os Religiosos que, hoje, na América Latina, se comprometem a seguir Jesus Cristo, a que vejam com clarividência pascal, e assumam com a coragem do Profeta e do Apóstolo, a missão evangelizadora que lhes compete realizar.

Um dos desafios a essa missão, é o mundo jovem, maior porção de nossas populações, o que exigiu dos Bispos, em PUE-

BLA, uma opção preferencial. O anúncio e testemunho da Palavra ao imenso povo pobre do nosso Continente, é outra frente de ação eclesial.

O presente número de CONVERGÊNCIA leva em conta essa realidade.

Em "SEGUIR JESUS CRISTO HOJE, NA AMÉRICA LATINA: EXIGÊNCIA EVANGÉLICA", de Irmã VILMA MOREIRA FI, se coloca uma reflexão sobre a "hora" da América Latina, hora em que se decide o jogo da VIDA EM PLENITUDE. É a "hora" do "KAIRÓS" que a Vida Religiosa, em meio à realidade do pecado social e pessoal, deve presencializar. Enquanto seguimento radical de Jesus, situado no aqui e agora de nossos povos, a Vida Religiosa significa "redescobrir o Jesus do Evangelho e o Evangelho de Jesus em toda a sua transparência e profetismo; contemplá-lo demoradamente a partir do qual anunciou a Boa Nova a todos".

"O APRENDIZADO DE UMA CAMINHADA", do GRE (Grupo de Reflexão Sobre Educação), órgão de assessoria da CRB Nacional, é a memória da caminhada que teve início em 1977, com a XI Assembléia Geral Ordinária da CRB Nacional e subsequente criação do GRE. Além de refazer a própria memória, o GRE levanta a questão: "Qual o papel da Vida Religiosa no contexto educacional?" Pergunta essa que tem sacudido posições e consciências, levando Religiosos

dedicados à formação de nossa juventude, a reencontrar o sentido do próprio carisma: o de serem EDUCADORES DA FÉ, na tomada de consciência da realidade em que atuam. O questionamento que o GRE suscita, impõe a uma séria avaliação. As propostas que apresenta, serão novas luzes a iluminar a caminhada da educação evangelizadora, cada vez mais atual e exigente.

"UMA PEDAGOGIA EVANGELIZADORA PARA A AMÉRICA LATINA": o Pe. ANTONIO GONZÁLEZ DORADO SJ aqui reflete sobre essa essencial tarefa da Igreja — e dos Religiosos então —: a formação da pessoa humana através de pedagogia evangelizadora. Quer dar sua contribuição "ao apelo de nossa Igreja e ao gigantesco esforço de renovação que exige o setor educacional e pedagógico da América Latina".

"A PALAVRA DE DEUS NA CAMINHADA DO POVO", de Irmã ANA ROY: em estilo envolvente, de alguém que entrou na alma do povo do sertão, ANA ROY procura ouvir as ressonâncias de vida que a Palavra provoca no meio do povo. A Palavra de Deus cai na alma do povo, como chuva forte e boa carregando vida.

Proclamar a Palavra e fazer sua Verdade, eis o sentido maior da Vida Religiosa.

Pe. Atico Fassini ms

DIA MUNDIAL MISSIONÁRIO

João Paulo II

Para o Dia Mundial Missionário

10 de junho de 1984

Irmãos e Irmãs caríssimos

“O sangue dos mártires é semente de cristãos” (TERTULIANO, *Apologeticus*, 50: PL 1, 534).

Durante a minha recente viagem no Extremo Oriente tive a alegria de canonizar cento e três Confessores da fé católica, que, evangelizando a Coréia com o anúncio da mensagem de Cristo, tiveram o privilégio de testemunhar com o supremo holocausto da própria vida terrena a certeza da vida eterna no Senhor ressuscitado.

Tal circunstância sugeriu-me algumas reflexões que desejo submeter à atenção de todos os fiéis para o próximo Dia Mundial Missionário.

Valor redentor da Cruz

Na realidade, as **Cartas** e os **Atos dos Apóstolos** confirmam que é uma graça especial a de poder sofrer “pro nomine Iesu”. Lemos, por exemplo, como os Apóstolos “partiram... cheios de alegria por terem sido considerados dignos de sofrer vexames por causa do nome de Jesus” (At 5, 41), em perfeita sintonia com tudo o que o Redentor tinha proclamado no Sermão da Montanha: “Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo,

disserem todo o gênero de calúnias contra vós, por Minha causa. Exultai e alegrai-vos...” Mt 5, 11).

Cristo mesmo realizou a sua obra redentora da humanidade sobretudo mediante a paixão dolorosa e o martírio mais atroz, indicando além disso o caminho aos seus seguidores: “Se alguém quiser vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me” (Mt 16, 24). Portanto, o amor passa inevitavelmente pela Cruz e, nesta, torna-se criativo e fonte inexaurível de força redentora. “Sabei — escreve São Pedro — que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, recebida por tradição dos vossos pais, não a preço de coisas corruptíveis, prata ou ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro imaculado e sem defeito algum” (1 Ped 1, 18-19; cf. 1 Cor 6, 20).

Meditamos profundamente este mistério extraordinário do Amor divino, no Ano Santo da Redenção há pouco concluído. Meditaram-no e viveram-no no íntimo do próprio coração milhões de fiéis, muitos dos quais vieram a Roma para renovar a sua profissão de fé junto dos túmulos dos Apóstolos, que foram os primeiros a compartilhar o martírio do

Mestre. Fé que já encontra um seu primeiro testemunho aos pés da Cruz nas palavras do centurião e daqueles que com ele guardavam Jesus: "Este era verdadeiramente o Filho de Deus" (Mt 27, 54).

A partir daquele evento crucial para a história humana os Apóstolos e os seus sucessores continuaram, ao longo dos séculos, a anunciar a morte e a ressurreição de Cristo, nosso único Salvador: "E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar" (At 4, 12). Mas foi de modo particular o testemunho do sofrimento até ao fim, dado tanto por Cristo como pelos seus seguidores, que abriu a mente e o coração dos homens à conversão ao Evangelho: testemunho de amor supremo; com efeito, "ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos" (Jo 15, 13).

E é este o testemunho que plêiades de Mártires e de Confessores sofreram no tempo, tornando possível com o seu sacrifício e a sua imola-

ção o surgir e o florescer das várias Igrejas — como aquela Coreana à qual me referia no início — e fecundando com o próprio sangue novas terras para as transformar em férteis campos do Evangelho; de fato, "se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto" (Jo 12, 24).

Estes heróis da fé bem compreenderam e puseram em prática o conceito fundamental — por mim expresso na Carta sobre o sentido cristão do sofrimento humano — segundo o qual, se Cristo realizou a redenção da humanidade mediante a Cruz e sofreu em lugar do homem e em favor do homem, todo o homem "é chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual foi redimido também todo o sofrimento humano. Realizando a redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo" (*Salvifici doloris*, 19).

Diálogo — 1 —

Bíblia: "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai. E ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11,27).

Leitor: JESUS é o revelador do Pai. A suprema manifestação do amor de Deus aos homens. Em JESUS, Deus revelou como real possibilidade o impossível. Um mistério inefável! Ninguém se realiza como cristão sem se ocupar e se preocupar com a contemplação deste mistério: a absoluta certeza e intimidade de Jesus com Deus Pai. "Tu és um mistério, Senhor! Nós te contemplamos no amor!"

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

XIII ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DAS SUPERIORAS GERAIS BRASILEIRAS

Fortaleza-CE — 20 a 26 de junho de 1984

Nos dias 20 a 26 de junho de 1984, teve lugar em Fortaleza-CE, a XIII Assembléia Geral Ordinária das Superiores Gerais Brasileiras. Marcaram presença 54 Congregações, representadas por 72 participantes acolhidas na Porciúncula pelas Missionárias Capuchinhas, que deram a esse servir, uma tonalidade vivamente franciscana de fraternidade, disponibilidade e alegria. A CRB-Regional de Fortaleza foi apoio, não só na fase preparatória, mas também durante toda a Assembléia.

Procedentes dos Estados do Rio de Janeiro, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Pará, Minas Gerais, Paraíba, São Paulo, Bahia e Sergipe, foram as seguintes as Congregações presentes:

Imaculado Coração de Maria; Congregação das Missionárias de Santa Teresinha; Servas da Sagrada Família; Irmãs Franciscanas do Apostolado Paroquial; Irmãs Paroquiais de São Francisco; Missionárias Sacramentinas de Nossa Senhora; Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo; Congregação de Nossa Senhora de Belém; Mis-

sionárias Diocesanas; Missionárias de Jesus Crucificado; Franciscanas da Ação Pastoral; Mensageiras do Amor Divino; Servas da Divina Providência; Franciscanas da Santíssima Trindade; Irmãs da Imaculada Conceição; Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade; Franciscanas do Coração de Maria; Irmãs de Jesus na Santíssima Eucaristia; Carmelitas da Divina Providência; Pia União das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora de Fátima; Mensageiras de Santa Maria; Filhas do Coração Imaculado de Maria; Pia União Jesus Maria José; Benedictinas da Virgem Maria; Fraternidade Esperança; Irmãs de Santa Zita; Congregação das Servas da Caridade; Mercedárias Missionárias do Brasil; Congregação dos Santos Anjos; Servas de Maria do Brasil; Missionárias do Coração Eucarístico; Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho; Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida; Franciscanas Filhas da Divina Providência; Filhas de Santa Teresa de Jesus; Irmãs de Jesus Adolescente; Servas da Santíssima Trindade; Irmãs Voluntárias de Cristo Rei; Congregação de Nossa Senhora dos Humildes; Religiosas do Sagrado Co-

ração de Jesus; Sacramentinas de Nossa Senhora; Missionárias de Nossa Senhora de Fátima do Brasil; Irmãs Josefinas; Missionárias Capuchinhas; Catequistas Franciscanas; Congregação de Santo Antônio Maria Claret; Beneficência Popular; Medianeiras da Paz; Filhas de Nossa Senhora de Fátima; Missionárias do Espírito Santo; Irmãs de Nossa Senhora da Glória; Servas do Senhor; Sociedade de Santa Teresinha; Círculo Divino Mestre e Missionárias Reparadoras do Coração de Jesus.

Às 20.00 horas do dia 20/06, foi celebrada a Eucaristia de Abertura, com a saudação inicial às participantes, por um membro da Equipe de Coordenação da UISG. Presidiu a celebração o Bispo Auxiliar de Fortaleza, Dom Geraldo do Nascimento, tendo com ele concelebrado o Pe. Antonio Felipe da Cunha, Superior Geral dos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora. Participando desta Assembléia das Madres Gerais, Pe. Felipe marcou presença como representante de sua Congregação Brasileira masculina, o que aconteceu pela primeira vez. Após a Eucaristia, a Secretária Executiva da CRB Nacional, Ir. Maria Vilani Rocha de Oliveira, FHIC, fez a apresentação da Equipe de Coordenação da UISG, que conduziu os trabalhos desta Assembléia.

Foram objetivos principais desta Assembléia: propiciar a integração e partilha; promover troca de experiências em todos os níveis; fazer reflexão e aprofundamento da caminhada em busca da fisionomia de VR genuinamente brasileira, etc.

O primeiro momento consistiu na exposição e reflexão de 2 temas: "Os va-

lores fundamentais da VR" e "Os Estatutos de Vida Consagrada no novo Direito Canônico". O 1º foi explicitado por D. Aloísio Lorscheider, Cardeal Arcebispo de Fortaleza, que tratou do tema com base nos documentos da Santa Sé. São esses valores fundamentais: 1) a vocação, como apelo de Deus, que exige uma resposta confirmada pela consagração; 2) a vida comunitária: a inserção se faz numa comunidade; 3) a missão: é a co-participação na missão de Jesus Cristo; 4) a oração pessoal e comunitária: as religiosas devem ser testemunhas de oração; 5) a ascese ou a prática da disciplina; 6) o testemunho público: as religiosas valem mais pelo que são e não tanto pelo que fazem; 7) a relação com a Igreja: a VR nasce na Igreja; 8) a formação: é o elemento decisivo de uma Congregação; 9) o governo: participa do governo da própria Igreja; 10) a devoção à Maria SSma.

A segunda parte desse tema, colocado por D. Aloísio, visava uma resposta à pergunta: "O que a Igreja do Brasil espera das Congregações Brasileiras?". Discorreu, então, sobre a caminhada da Igreja do Brasil, dizendo que nela estavam as respostas. Essa caminhada, disse D. Aloísio, foi feita em 3 passos: 1º) Planejamento pastoral: em abril de 62, a Igreja do Brasil começa a planejar a sua pastoral, iniciando com o Plano de Emergência, onde se sente o sopro do "Movimento por um Mundo Melhor". O objetivo geral é a libertação integral do homem. 2º) Conversão a partir do contexto sócio-político. Distanciando-se do poder político, a Igreja descobre o povo, e a solidariedade com os pobres e marginalizados vai-se tornando a tônica da pastoral. 3º) A aber-

tura missionária e ecumênica: criação do projeto das Igrejas Irmãs; envio de missionários a outros países; criação do CONIC. Dentro dessa caminhada são cultivadas as seguintes idéias e prioridades pastorais: a) idéias: Igreja povo de Deus — fé comprometida na liberação integral — comunidade e ministério — CEBs como parte vital da Igreja; b) prioridades: pastoral da terra — do migrante dentro e fora do país — pastoral urbana, na sua dimensão de periferia — formação e animação de CEBs — pastoral vocacional na perspectiva de ministérios — pastoral da juventude — da família — da defesa e promoção dos direitos humanos (pastoral indigenista e afro-brasileira). E para encaminhar essas prioridades volta sua atenção para a catequese — animação e formação missionária — promoção de ministérios e educação política e sindical. Dom Aloísio foi uma presença fraterna e amiga, especialmente com seu testemunho de serenidade, segurança, equilíbrio. Suas reflexões questionaram a todas, sem causar angústias porém.

O 2º tema: "Os Institutos de Vida Consagrada no novo Direito Canônico", foi desenvolvido pelo Pe. Jesus Hortal, SJ. Começou ele dizendo que o Direito Canônico é apresentado, às vezes, como uma consequência da fragilidade humana. Mas, colocando isso positivamente, pode-se dizer, que é uma decorrência da Encarnação de Jesus Cristo. A Igreja, como continuadora de Jesus Cristo, assume a sociedade humana em todas as suas dimensões. Por isso o jurídico faz parte do próprio ser da Igreja. O novo D.C. pretendeu recolher as linhas fundamentais do Concílio Vaticano II. Em síntese, foram estas

as colocações de Pe. Jesus: a vida consagrada não se enquadra na hierarquia, mas na santidade da Igreja (cân. 207). Todos os cristãos são chamados à santidade e para isto há vários caminhos. Um deles, como sinal e sacramento desta santidade é a vida consagrada. O Espírito Santo convoca a uma entrega total, cujo único motivo é o próprio Deus, que é o Absoluto: Deus sumamente amado (cân. 573). A vida consagrada brota, assim, de um Amor Absoluto e busca o amor total, de modo que não há lugar para a religiosa procurar a si mesma. Ela deve sair totalmente de si mesma, esquecer-se de si mesma. Por isso o D.C. não se refere à salvação própria, mas à salvação do mundo: "... consagram-se totalmente a Deus sumamente amado ... à construção da Igreja e à salvação do mundo" (cân. 573). Essa vida consagrada se realiza em Institutos canonicamente erigidos (cân. 573, §2), que se caracterizam: 1º) pelos votos públicos, isto é, aceitos pelo Superior legítimo, em nome da Igreja (cân. 1.192); 2º) pela vida fraterna comum, que exige no mínimo 3 membros — decreto de ereção — domicílio comum — autoridade do superior — oratório, centro da comunidade (cânones 608 e 609); 3º) testemunho público, que implica a separação do mundo (cân. 607, §3), pois identificar-se não é nivelar-se.

O novo C.D.C., explicitando os conselhos evangélicos, cita a castidade em 1º lugar, como o fez o Concílio Vat. II no documento P.C., porque não é gesto negativo, mas que atinge afetivamente toda a vida. É consagração ao Amor Supremo (cân. 598). O voto de pobreza (cân. 640) adquire uma nova concepção, que é o sentido comunitá-

rio. O cân. 668, §1, dispõe sobre a obrigatoriedade do testamento com efeito também civil. A obediência só se capta na fé. São Paulo fala, aos Filipenses, do aniquilamento de Cristo, cujo seguimento exige a renúncia de si mesma para fazer a doação numa disponibilidade absoluta. A obediência "obriga à submissão da vontade aos legítimos Superiores" (cân. 601). Foram ainda considerados os cânones que dispõem sobre licenças (665), excomunicação (686 e 687), passagem para outro Instituto (684), saída do Instituto (688 e 689), demissão (694, 695, 696).

A legislação dos Institutos Religiosos, no novo D.C., tem as seguintes características: 1) além de normas, contém princípios teológicos; 2) pretende fomentar a identidade própria de cada Instituto; 3) visa proteger a autonomia dos Institutos em relação à autoridade eclesial; 4) fomenta a aplicação do princípio da subsidiariedade; 5) equiparação entre Institutos masculinos e femininos.

Pe. Jesus chamou ainda a atenção de todas para o decreto do Papa João Paulo II, sobre as emendas das Constituições, em virtude do novo C.D.C. O estudo deste 2º tema, ou seja, o novo Código de Direito Canônico, geralmente considerado bastante árido, revestiu-se de muita suavidade, pois o expositor, com singular competência, soube colocar o espírito acima da lei.

O 2º momento desta Assembléia foi o espaço para a colocação de 4 experiências significativas de comunidades inseridas nos meios populares, com a colaboração: 1) das Irmãs do Imaculado Coração de Maria; 2) das Missioná-

rias Capuchinhas; 3) das Missionárias Diocesanas e Fraternidade e Esperança; 4) das Filhas do Coração Imaculado de Maria. À luz dos dois temas de reflexão, foram enfocados os aspectos significativos e os pouco significativos dessas experiências, sintetizados nestas linhas gerais: a) significativos: vivência dos valores da VR; apoio e envio por parte das Congregações; evangelização pelo testemunho (ser); compromisso e caminhada libertadora com o povo, assumindo sua realidade na construção de uma sociedade mais justa e fraterna; abertura ao ser peregrino do Evangelho; respeito, escuta e aprendizagem com o povo, etc.; b) pouco significativos: pouca clareza entre opção e inserção; formas novas de VR, sem expressão clara de seus valores; modernismo e ativismo; não sintonia com a Igreja, etc.

A Assembléia decorreu num clima de fraterno e alegre relacionamento; com a integração e participação ativa de todas, notando-se grande interesse e abertura das Congregações para constituírem caminho na missão, em unidade com a Igreja do Brasil. Para prosseguir e aprofundar a caminhada de buscar a identidade religiosa, sendo resposta aos apelos da Igreja, as Superiores Gerais Brasileiras se propuseram o seguinte:

COMPROMISSO

As Superiores Gerais Brasileiras, reunidas no XIII Encontro Nacional em Fortaleza-CE, de 20 a 26 de Junho de 1984, após terem refletido sobre os VALORES FUNDAMENTAIS DA VIDA RELIGIOSA, e a RESPOSTA DAS CONGREGAÇÕES BRASILEIRAS À IGREJA

DO BRASIL; O NOVO CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO referente aos Institutos Religiosos; EXPERIÊNCIAS DE COMUNIDADES INSERIDAS EM MEIOS POPULARES, e AVALIANDO a caminhada já realizada, se comprometem:

1 — Assumir, efetivamente, a essência da Vida Religiosa em nossas Congregações: vivendo o Projeto Evangélico, de acordo com o Carisma Fundacional na Igreja; definindo a fisionomia específica de cada Congregação, dentro da realidade hoje, mediante o estudo dos escritos dos Fundadores e dos documentos oficiais da Igreja.

2 — Viver a nossa Vida Consagrada na MISSÃO: como experiência de Deus comprometido com seu povo oprimido; no contexto sócio-cultural, político, econômico e religioso do Brasil; atentas aos apelos da Igreja, hoje, assumindo as suas prioridades como nossas; na fidelidade ao Carisma de nossas congregações.

3 — Orientar a FORMAÇÃO INICIAL E PERMANENTE para que o SER RELIGIOSO seja sinal de compromisso com os empobrecidos: Segundo o Projeto Evangélico do Seguimento de Jesus Cristo; em fraternidade; na comunidade eclesial; na fidelidade ao Carisma Fundacional.

Esta tarefa exige: ascese especial: para uma vida simples, sóbria e austera, que convém à vida de consagradas; para uma permanente mudança de mentalidade.

4 — Rever e redimensionar as obras da congregação, integrando-as dentro da opção da Igreja, para um caminhar na unidade.

5 — Concretizar este PROJETO em nossas regionais, através da entre-ajuda, troca de experiências e avaliações, garantindo nossa unidade e o compromisso de buscar a fisionomia da Vida Religiosa genuinamente brasileira.

**Irmã NORIKO TAKEDA FFDP,
Superiora Geral**

CRB — BELÉM

A CRB, no seu desempenho de animar e promover a Vida Religiosa na sua caminhada libertadora, assumiu a tarefa de organizar um GRUPO DE REFLEXÃO DE EDUCAÇÃO (GRE).

Partindo do SER RELIGIOSO, o Grupo procurou refletir sobre a identidade do Religioso(a), na sua opção concreta, em fidelidade ao Evangelho. Vivendo numa sociedade em conflito de classes, tendo em vista que o Religioso(a) deve ser uma força transformadora, o GRE se propõe como objetivos:

a) Ser um dos canais que leva à prática a proposta evangelizadora de Cristo, partindo da mediação do pobre.

b) Refletir criticamente a realidade educacional do Brasil, e confrontar as nossas atividades educacionais com a educação popular.

c) Articular pessoas abertas ao questionamento da atividade educacional, frente ao testemunho do serviço religioso.

d) Aprofundar e divulgar iniciativas de uma educação transformadora.

e) Tentar sensibilizar e operacionalizar um número maior de Religiosos(as) para a educação transformadora.

f) Promover seminários e palestras.

g) Desenvolver um processo de avaliação contínua do SER RELIGIOSO, na prática educativa.

Esta é nossa meta, e gostaríamos de levá-la adiante. Fica aberto o convite a quem estiver interessado(a) em refletir conosco.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS AUXILIARES DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

A Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade recebeu, recentemente, a Aprovação Pontifícia de suas Constituições, em definitivo, pela Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, de Roma.

ORIGEM: brasileira, mineira, fundada na Serra da Piedade, município de CAETÉ, tradicional cidade do Estado de Minas Gerais.

DATA DA FUNDAÇÃO: 28 de agosto de 1982.

FUNDADOR: Monsenhor Domingos Evangelista Pinheiro.

FINALIDADE: Glória de Deus, bem da Igreja e a própria santificação, através da observância dos votos de castidade, pobreza, obediência e das próprias Constituições.

METAS: ação evangelizadora, unida à Igreja local; educação da infância e da juventude; atendimento aos carentes (especialmente aos menores, que se acham privados da família, e aos idosos necessitados); atendimento ao enfermo, quer nos hospitais, quer em suas casas.

ESPIRITUALIDADE: do SERVIR — fundamentada no Evangelho e nos ensinamentos do FUNDADOR; MARIAL, que se traduz na imagem do Calvário, e na presença de MARIA DO MISTÉRIO DA REDENÇÃO, conduzindo-nos à

maior participação no trabalho de Evangelização, HOJE, conservando e atualizando o CARISMA DO FUNDADOR como AUXILIARES DOS SACERDOTES.

DATAS: DECRETO DE LOUVOR: 05.06.1959, festa do Sacratíssimo Coração de Jesus — SCRIS — Roma (Aprovação temporária das Constituições). DECRETO DE APROVAÇÃO DAS CONSTITUIÇÕES: 12 de outubro de 1983, festa de Nossa Senhora Aparecida — Roma — SCRIS — Cardeal Pi-rônio, Prefeito.

ENDEREÇO DA CASA CENTRAL: Rua Monsenhor Domingos Pinheiro, 105 — Bairro: Calafate. CEP 30.000 — Belo Horizonte — MG.

Ir. Maria de Lourdes Diniz Costa
Irmãs Auxiliares de N. S. da Piedade

SION INFORMA

SION cidade de Davi, monte santo do Senhor, fortaleza edificada, Jerusalém da paz. É também ... o nome de uma Congregação, fundada sob o olhar de Maria. Esta Congregação nasceu em 1842, do milagre que converteu Afonso Ratisbonne à religião Católica, por intermédio da Virgem Santíssima, em Santo André delle Frate, Roma.

Seu irmão Teodoro já exercia o sacerdócio, em Paris e caminhava no sentido de irmanar judeus e cristãos.

Juntos, os dois irmãos fundaram a Congregação de Sion, hoje presente na Europa, Ásia, África, América do Norte, América Central, América do Sul e Austrália.

A Congregação serve a Igreja através da Evangelização, Catequese, relações judeu-cristãs, diferentes formas de ecumenismo e educação. Em grandes centros e sobretudo em regiões carentes, onde possa levar seu carisma de paz e reconciliação, essencialmente bíblico. No Brasil os marcos de Sion são:

1888 — chegada das primeiras religiosas, procedentes da França e sucessivas fundações no Rio, Petrópolis, Minas, São Paulo e Paraná.

1911 — chegada dos primeiros Padres de Sion, que se estabeleceram em São Paulo.

1958 — Fundação de uma Casa Contemplativa de Sion, em Curitiba, PR.

O ano de 1984 é para as Irmãs de Sion um ano de **Ação de Graças** por duas razões: a) — Há cem anos os dois fundadores passavam do tempo para a eternidade. Ambos faleceram

em 1884 respectivamente em Janeiro (Teodoro) e Maio (Afonso). b) — A aprovação definitiva das **novas** Constituições, a 6 de Maio do corrente ano.

E porque celebram, as Irmãs de Sion desejam partilhar. Partilhar com outras Congregações, a alegria deste centenário. Partilhar a força do carisma de diálogo efetivo entre Israel e Sion, dentro das perspectivas abertas por Vaticano II e pela Declaração "Nostra Aetate". Partilhar a evocação do que já foi construído e a coragem da obra que prossegue, em sentido de Busca e de Esperança. Na certeza de que é válido lutar para que Sion continue a ser amanhã o que foi ontem e procura ser hoje: serviço.

Partilhar, cantando, estrada afora: "Semeia sempre, em todo terreno, em todo tempo, a boa semente. Com amor, com carinho, como se estivesses semeando o próprio coração... Sai semeador. Parte, prepara, leva contigo o que tens, mas acolhe também o que os outros te possam dar! Sai, semeador... O fruto deve ser **partilhado**. A glória não é tua... É de Deus...!"

Irmã Carmen Maria

DECLARAÇÃO DA COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ DE UISG E USG

Roma, 27 de abril de 1984

"Como membros da Comissão Conjunta de JUSTIÇA E PAZ da UNIÃO INTERNACIONAL DOS SUPERIORES GERAIS — eleitos por mais 1.250.000 Religiosos e Religiosas de mais de 100 países, — nos sentimos obrigados a falar, por nossa fé em Jesus Cristo e por nosso compromisso com ELE. Nossa palavra se inspira no ensinamento so-

cial da Igreja Católica. A força para falar nos advém do exemplo do Papa JOÃO PAULO II.

"Representamos grupos internacionais dos hemisférios Norte e Sul, dos blocos do Oriente e do Ocidente, de nações alinhadas e de não alinhadas. Contamos com membros que vivem em todo tipo de sistema político.

“A crescente glorificação do militar e a espiral da violência em nosso mundo estão levando a humanidade a uma atitude que aceita os meios militares e agressivos como formas normais de relacionamento entre os homens. A ameaça dos crescentes arsenais de armas nucleares e convencionais está tornando mais difícil, se não impossível, a consecução dos valores essenciais de confiança, diálogo, amor e solidariedade. Em outras palavras, se está formando um clima de desconfiança e tensão entre indivíduos, famílias, sociedades e nações.

“Estas realidades de nossos dias têm sido a causa de uma cruel falta de respeito para com a vida humana, de uma crescente perversão da inteligência que se consagra totalmente à fabricação de armas e instrumentos de tortura e violência, ao desprezo do equilíbrio ecológico do mundo, à repugnância em assumir compromissos a longo termo, especialmente entre os jovens.

“Muitos de nossos irmãos e irmãs vivem e trabalham entre os pobres e constatarem diariamente os efeitos negativos do aumento crescente de armas. Os já escassos recursos humanos e naturais são empregados na produção de armamentos. Aumentam o desemprego e a inflação. Nos países em via de desenvolvimento se investe menos em alimentação adequada, água, saúde, educação e moradia. Em muitos países aumentam a tensão, a violência e o isolamento que impedem o verdadeiro desenvolvimento humano. Por todas as partes aumenta o sofrimento do homem.

“Partindo dessa experiência, nos dirigimos a todos os povos para que se reconheçam como fraternalmente unidos

em Deus, e para que encontrem novamente as raízes espirituais da paz na verdadeira harmonia com Deus, com os outros e consigo mesmos. Dirigimo-nos a todos, mas especialmente a nossas próprias irmãs e irmãos, para que compreendam que a guerra e a violência têm sua origem no coração humano e que nossos esforços pela justiça e paz devem andar acompanhados pela oração e jejum, como nos disse o Senhor, para expulsar esse demônio de nosso meio.

“Estamos convictos de que só se criará a paz quando existir uma justa distribuição de recursos naturais. Por isso convidamos a todos, mas especialmente a nossos próprios Religiosos, a usar e partilhar as riquezas responsabilmente, a criar a consciência da mútua dependência entre todos, consciência de que a vida é sagrada e de que são necessários o respeito e a tolerância. Fazemos um apelo a todos os povos de boa vontade para que urjam os dirigentes das nações a empreender negociações sérias que acabem com a proliferação de armas, que reduzam o depósito das já existentes, e que encaminhem os recursos naturais para fins pacíficos. Somente os esforços unidos, e as preces dos homens de boa vontade, poderão conseguir que diminuam a desconfiança e a tensão em nosso mundo”.

NOS 25 ANOS DA CLAR

BOGOTÁ, de 6 a 14 de junho de 1984

1. CONFERÊNCIAS DOS RELIGIOSOS. Na celebração do Pentecostes o Espírito nos encontrou unidos com Maria, na reflexão e oração. Secretária

rias e Secretários das CONFERÊNCIAS DOS RELIGIOSOS de 25 Países Latino-americanos, estivemos reunidos durante uma semana, juntamente com o Secretariado da CLAR. Nosso Seminário gozou de um clima realmente lindo, e foi em grande parte por causa da cordial e hospitaleira disponibilidade da CRC, presente na pessoa de seu Presidente que, acompanhou e animou nosso trabalho. Talvez seja oportuno deixar claro que uma Conferência representa a união de todos os Religiosos que trabalham num determinado país, e que, em íntima união com os Bispos, e em estreita relação com a Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, buscam animar-se mutuamente para viver na fidelidade ao próprio carisma, a comum missão de evangelizar.

2. EM COMUNHÃO COM O CELAM.

O fato de nos reunir em BOGOTÁ, sede do CELAM, nos permitiu realizar um sinal da unidade, visitando a sede da CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA, encontrando-nos com os Secretários de seus diferentes Departamentos. A Eucaristia que juntos celebramos, nos ajudou a reafirmar os vínculos que nos unem na mesma fé e na mesma missão.

3. NOSSA EXPERIÊNCIA DO PENTECOSTES.

Nesse Pentecostes todos, argentinos e uruguaios, brasileiros e bolivianos, peruanos e colombianos, panamenhos, nicaraguenses, salvadorenhos, hondurenhos, guatemaltecos, venezuelanos e costarriquenhos, dominicanos e porto-riquenhos, experimentamos o fato de que compreendíamos o Evangelho e suas exigências, como uma linguagem comum. Juntos experimentamos o gozo profundo de ver que a Igreja floresce lá onde a unidade dos

Religiosos e seus Pastores é mais intensa. E juntos também percebemos o quanto nos falta conquistar... Um profundo desejo foi crescendo em nós, alimentado com a esperança de que essa comunhão que possibilita a missão, vá acontecendo até os últimos rincões de nosso Continente.

4. **A DOR DE NOSSOS POVOS.** Ao partilhar nossas vivências pudemos perceber, com indignado e dolorido estremecimento, os rostos sofredores de Cristo, na miséria e marginalização de nossos irmãos pobres, indígenas, camponeses e negros, na tortura e no assassinato de tantos que lutam pela justiça, pela liberdade, contra a violência institucionalizada que atenta contra nossos povos e seus direitos por um pedaço de pão... Sabemos que a ressurreição de nossos povos crucificados surgirá do mesmo corpo ensangüentado dos pobres, pela força do Espírito de Cristo, sempre presente e vivificante.

5. **RELIGIOSOS NO MEIO DO POVO POBRE.** Com assombro constatamos que, à medida que progredíamos, uma realidade se impunha: numerosas Comunidades Religiosas Inseridas entre os pobres, dispostas a "tudo partilhar" e a "dar a própria vida por aqueles que amam", se convertiam em grito profético e eram expressão de um impulso do Espírito, fato que não constitui uma experiência passageira, mas um caminho para a Vida Religiosa em todo o Continente. Por esse rumo, as Comunidades Inseridas, e nelas a Vida Religiosa toda, avançam em direção ao próprio coração da história.

É verdadeiramente alentador fazer o balanço de todos os elementos positivos que vão marcando o caminho dos

Religiosos que vivem pobremente entre os pobres: há uma maior consciência da realidade histórica, uma comunhão "inculturada" com o povo; surgem novos animadores cristãos, fruto desejado dessa nova presença; o povo humilde observa com novos olhares e com esperança os Religiosos; abre-se caminho para uma vida mais evangélica (mais simples, mais fraterna, mais corresponsável), e a vivência dos votos, a oração e escuta da Palavra adquirem maior densidade vital. A missão se converte em núcleo integrador do projeto religioso, e se experimenta um fortalecimento na vocação pessoal e na vivência do carisma original.

Prestamos muita atenção também aos desafios e questionamentos que esse processo, vivo e dinâmico, nos lança. Plasmar uma nova espiritualidade em que se revalorize o lugar e a função da Eucaristia; continuar o esforço por expressar o próprio carisma nas novas situações; buscar caminhos de maior comunhão com os Superiores e a Hierarquia; partilhar com os demais setores da Igreja Local e da Congregação, a riqueza da fé e do compromisso; procurar trabalhar dentro de uma Pastoral de Conjunto; discernir o plano de Deus nos projetos sociais e políticos do meio em que se vive; assumir mais integralmente a cultura popular; acompanhar, a partir da inserção, as vocações religiosas de camadas humildes que acolheram o chamado através do testemunho da Comunidade Inserida; buscar tempo e método para refletir sobre o processo e a formação permanente dos

que nele estão integrados: eis alguns desafios de que não podemos nos esquivar, e que exigem de toda a Vida Religiosa a coragem de buscar respostas válidas.

6. A VIDA RELIGIOSA: DOM DO ESPÍRITO. O Espírito, que renova a história e o coração do homem, e continuamente nos presenteia com o novo e a surpresa, permitiu-nos compreender, durante esses dias de encontro, que a Vida Religiosa é impulso que Dele provém, uma chama que renova sua presença no meio dos homens, um dinamismo que não se pode enquadrar em estruturas rígidas: assim, a Vida Religiosa não pode sistematizar-se definitivamente. É um processo, um caminho.

7. 25 ANOS DA CLAR. A experiência de comunhão e comum linguagem que tanto nos enriqueceu nesses dias, tem sua explicitação, em grande parte, na imensa contribuição da CLAR, em seus 25 anos de coordenação e animação da Vida Religiosa, por sua mística, sua espiritualidade, sua originalidade carismática. Cremos que esse aniversário tem um sentido muito profundo, e nos permite agradecer a Deus por essa Confederação Latino-americana que impulsionou incansavelmente os Religiosos para a realização do desígnio de Deus a que PUEBLA se referia: "A Vida Consagrada, arraigada desde os tempos antigos nos povos da América Latina, é um dom que o Espírito sem cessar concede à sua Igreja, como um meio privilegiado de eficaz evangelização" (PUEBLA 739; EN 69).

Historicamente, a Vida Religiosa começou quando terminou a era dos mártires e a Igreja temeu instalar-se.

IRMÃS DA SAGRADA FAMÍLIA: 150 ANOS DE APROVAÇÃO DO INSTITUTO

Faz 150 anos que nossa família religiosa recebeu o reconhecimento da Igreja e viu confirmado, com a aprovação das Constituições, o dom do Espírito Santo. Temos muitos motivos para dar graças a Deus. Em especial, por ter conservado viva nossa Congregação nestes 150 anos que viram as mais diversas dificuldades: desde a supressão, em 1866, à morte repentina da Madre Geral Armida Scala, no Brasil, num momento importante para a renovação do Instituto; também por nos ter permitido servi-lo, embora em pequeno número.

Ao celebrarmos os 150 anos de aprovação, nosso pensamento volta ao ano de 1833, no dia 28 de dezembro, quando a Fundadora Madre Leopoldina Naudet pode finalmente segurar em suas mãos o Breve Pontifício de reconhecimento do Instituto: "Em virtude da nossa autoridade apostólica, aprovamos e confirmamos a Sociedade ... que recebeu o nome da Sagrada Família e foi instituída em Verona (Itália). E permitimos que viva e persevere, querendo que este decreto se mantenha sempre firme, válido e eficaz, e possa alcançar e obter os seus plenos e inteiros efeitos" (Papa Gregório XVI). Madre Leopoldina, que durante toda a sua vida foi atenta à vontade de Deus, elevou seu cântico de louvor com estas palavras: "Basta assim. Deus não quer mais nada de mim. Agora posso dizer: Nunc dimittis servum tuum Domine". Também naquele ano, no dia 5 de maio, o Instituto obteve a aprovação imperial, necessária naquele tempo.

A Fundadora

Leopoldina Naudet nasceu em Florença, no dia 31 de maio de 1773. Seus pais eram encarregados da Corte de Leopoldo I, Grão Duque de Toscana, que quis ser o padrinho de Batismo da pequena, chamada por isso Leopoldina. Com a irmã Luísa, recebeu uma boa educação, primeiro na Itália e depois na França. Com a Revolução Francesa, a família de Leopoldina volta a Florença e segue todas as etapas de Leopoldo que logo se torna Imperador e transfere-se para Viena. Na Corte mais resplandecente da Europa, Leopoldina encontra forças para não se deixar atrair pela riqueza e pelo luxo e almeja algo superior que realizará a seu tempo. Confia a sua irmã: "Eu não me entrego ao mundo, apenas me empresto". Mais tarde, reconhece como uma graça especial da Providência o ter sido preservada durante os dez anos de Corte do "apego de outra coisa que não fosse Ele só".

Para realizar o plano de Deus, Leopoldina percorre um longo caminho: transfere-se de Viena a Praga, a Pádua, a Loreto, a Spoleto, a Roma, a Veneza e, finalmente, por desígnio providencial chega a Verona com algumas companheiras. Pede e alcança uma fraterna hospedagem na Casa "SS. José e Fidenzio", onde a Fundadora Canossa está iniciando sua obra de caridade. Leopoldina colabora com a Canossa e, ao mesmo tempo, vive em comunidade com suas companheiras e trabalha na fundação do seu Instituto.

Depois de oito anos de intensa colaboração e amizade as duas Fundadoras fazem mútuo agradecimento e se recomendam uma à outra nas orações, oferecendo ao Senhor o nascimento dos dois Institutos.

O empenho pastoral

Madre Leopoldina Naudet sempre teve como uma preocupação particular a educação cristã das jovens, pobres ou ricas. O contexto social no qual ela cresceu tornou-a sensível aos problemas da juventude. No seu plano educativo não existe discriminação. É indiferente às críticas e disponível às exigências da Igreja. Tem particular carinho pelas jovens pobres e para elas abre uma escola gratuita. Nos seus "Métodos da Escola", guardados no arquivo da Congregação, pode-se ler: "Na escolha das jovens que são recebidas nesta escola, tenha-se uma preferência por aquela que pela pobreza dos parentes não podem pagar outras escolas e, por isso, ficariam não só sem a instrução espiritual, mas também seriam privadas da aprendizagem do trabalho manual que poderia um dia ser um meio honesto de sustentamento. Assim, tenha-se preferência pelas jovens espiritualmente necessitadas".

Junto à ação educativa, Madre Leopoldina dá grande valor ao apostolado catequético para as jovens da paró-

quia, em preparação aos Sacramentos da Penitência, Confirmação e Eucaristia. No fim de sua vida, compôs um catecismo que se tornou a flor dos catecismos católicos e foi aprovado pelo Bispo de Verona, Mons. José Grasser. Outro setor de serviço pastoral assumido de maneira particular pela Fundadora é aquele dos Exercícios Espirituais para as pessoas que desejam se encontrar com Deus no silêncio e na oração.

Ao celebrarmos os 150 anos de aprovação por parte da Igreja, refletimos sobre o nosso ser de "Irmãs da Sagrada Família" hoje. Vemos a atualidade no nosso carisma, a urgência da promoção humana e cristã.

Após o Concílio, sentindo-nos a serviço da Igreja Universal, escolhemos estar presentes também no Brasil. Aqui chegamos em 1972, para anunciar a mensagem evangélica, segundo o nosso carisma.

Hoje, enquanto bendizemos ao Senhor, fazemos nossas as palavras do Card. Odescalchi, escritas à morte de Leopoldina: "Eu penso que a senhora Leopoldina esteja viva no santo entusiasmo das suas filhas e no desejo de todas de concorrerem para a perfeição do Instituto". Que o Senhor leve ao cumprimento aquilo que começou.

Irmã Margarida Decordini
Irmã Domitilla Schiesaro

Diálogo — 2 —

Bíblia: "Ninguém procure o seu proveito mas sim o dos outros" (1 Cor 10, 24).

Leitor: É a norma básica dos carismas. Este altruísmo propicia o acolhimento, dá o tempo porque todo carisma autêntico mostra-se incômodo. Não é fácil identificar LOGO, nele, o selo do Espírito.

SEGUIR JESUS CRISTO, HOJE, NA AMÉRICA LATINA: EXIGÊNCIA EVANGÉLICA

*Todo carisma autêntico traz consigo certa dose
de genuína novidade; mostra-se incômodo
e cria dificuldades, pois
não é fácil reconhecer logo sua proveniência do Espírito.*

Ir. Vilma Moreira, FI
Mogi-Guaçu, SP

1. A "Hora" da América Latina

1.1. A negação do Plano de Deus

Jesus se refere muitas vezes à sua "hora", no Evangelho de João. Trata-se de algo que está por chegar ou que já está presente: o tempo da Páscoa, da entrega da vida, da realização plena do desígnio do Pai com relação a Ele (1).

Entre nós, sobretudo a partir de Medellín, tem-se falado muito da "hora da América Latina".

Vivemos, sem dúvida, uma "páscoa": uma "passagem" de Deus no meio de nós: um tempo forte de purificação, de crise, de vida que nasce e se fortalece em meio a muitas mortes.

Nossa realidade é dialética. Coexistem nela sinais de morte e sinais de vida: "Sobre o nosso Continente, marcado com o sinal da esperança cristã e super-onerado de proble-

mas, Deus difundiu uma luz imensa que resplandece no rosto rejuvenescido de sua Igreja" (2).

Vivemos um tempo de pecado e graça. Os documentos de Medellín e Puebla falam de "estruturas injustas" (Med. 2), de "brecha crescente entre ricos e pobres" (P. 28), de uma realidade de "pobreza desumana" (P. 29), anti-evangélica (P. 1159), de uma situação de "violência institucionalizada" (Med. 2,16).

Tudo isto constitui uma "situação de pecado" (Med. 2,1; cf P. 70), de escândalo, "cuja gravidade é tanto maior quanto se dá em países que se dizem católicos" (P. 28). Contribui a fortalecer, muitas vezes, "o caráter totalitário ou autoritário dos regimes de força", e a "alimentar o abuso do poder e da violação dos direitos humanos", protegidos, em muitos casos, "com uma profissão de fé cristã que é, contudo, subjetiva" (P. 49).

Parece-nos importante recordar a situação descrita em dois documentos tão importantes para a América Latina. Porque para nós, cristãos, trata-se de uma verdadeira negação do Plano de Deus, fruto do pecado pessoal, comunitário, social e estrutural, que gera o mundo da ANTI-VIDA.

1.2. Pecado e Graça

Em fevereiro de 1980, pouco antes de viver a "páscoa" pela libertação de seu povo, Monsenhor Romero, em Lovaina, explicava essa situação de pecado, através da perseguição ao povo pobre de El Salvador, "que é hoje, dizia ele, o corpo de Cristo na História"... Fazia um juízo, a partir da fé, "das situações sociais e políticas". E afirmava com coragem e lucidez:

"... Agora sabemos melhor o que é o **pecado**. Sabemos que a ofensa de Deus é a morte do homem. Sabemos que o pecado é verdadeiramente mortal; mas não só pela morte real e objetiva que produz. Recordamos assim um dado fundamental de nossa fé cristã. Pecado é aquilo que deu morte ao Filho de Deus, e pecado continua sendo aquilo que dá morte aos filhos de Deus" (3).

A situação de morte constitui uma **SITUAÇÃO DE PECADO** na América Latina. Em maio, na Assembleia de Itaici, ao analisar a situação do Nordeste, a CNBB fez afirmações que recordam as de Monsenhor Romero, sobre a morte lenta de milhões de brasileiros reduzidos a condições desumanas de vida, devido à ambição desmedida,

à má distribuição dos bens e aos interesses dos poderosos (4).

Mas é justamente por rezar e refletir sobre essa situação, a partir da fé, que aprendemos a perceber, no grito do Continente latino-americano, as interpelações do **DEUS DA VIDA**. E aprendemos também a perceber, atrás da dialética "morte-vida", algo mais profundo: uma **luta de deuses**: a luta entre a idolatria e o Deus verdadeiro.

Não se trata simplesmente de ídolos vãos, como os descritos por Isaías (Cf 44,9; 14). São novos Baals que exigem sacrifícios, que se nutrem com o sangue do povo pobre que é quem paga o preço da aliança com os impérios (Cf 1 Re 23,35). E as vítimas estão aí: órfãos, viúvas, emigrantes, exilados, refugiados, pobres, vítimas inocentes (Cf Is 2, 7-9; 5,20-23; 10,1-4; Jer 5,26-28; Ez 7,19; 22,27-29; Am 8,4-7). Abandonar o Deus verdadeiro e absoluto pelos ídolos, significa renegá-lo e trocar o "Deus da vida" pelos "deuses da morte".

No Novo Testamento encontramos a mesma realidade; com outra formulação: a dos "dois senhores", feita por Jesus em Mt 6,24 e Jo 12,31. Se acreditamos que existe um só Deus, o Pai, e um só Senhor, Jesus Cristo, temos que servi-Lo e abandonar o maligno, o príncipe deste mundo, homicida desde o princípio (Cf Jo 14,30 e 16,11).

Víctor Codina aplica essa temática bíblica à situação da América Latina, e diz que "podemos afirmar que as estruturas políticas, econômicas, sociais e militares, que dominam e escravizam o povo da

América Latina, constituem uma divindade falsa; são estruturas demoníacas, que exigem de seus adoradores o sangue dos pobres; e o mais trágico e irônico é que estes ídolos querem batizar-se com princípios cristãos (P. 547). Diante destes ídolos de morte, a luta do povo pela vida, é um ato de fé no Deus vivo, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que faz da vida sua mediação fundamental" (5).

Para nós, é esta a HORA DA AMÉRICA LATINA: de trevas e luz, de pecado e graça, de angústia e esperança. Hora de viver, com Jesus e como Jesus; a Páscoa, e de ser libertados pela força de sua ressurreição, de todo tipo de escravidão.

Diante dessa realidade contraditória, podemos sentir-nos, muitas vezes, asfixiados, incapazes de cantar a Deus como os israelitas no cativeiro (Cf Sl 137,4). Porque a terra de nossos antepassados tornou-se terra estrangeira para nós. Como eles, nos perguntamos como cantar ao Deus da vida numa situação de morte.

A Fé e Esperança nos ajudam a perceber, mais além dos sinais de morte, o "kairós" do Senhor: o tempo propício, a irrupção de Deus na vida de nosso povo (Cf 2 Cor, 6,2): sua presença forte nas situações mais contraditórias, para convocar-nos à conversão e à luta — como Povo — pela conquista da **vida em plenitude**.

É esta, portanto, a "hora" de seguir a Jesus numa realidade concreta. E é a América Latina o **lugar de nosso Seguimento concreto de**

Jesus. Hora de morte e vida; de luta pela coerência evangélica; de mudança de lugar social, geográfico e cultural, para responder melhor às interpelações do Senhor da História, na História de seu Povo.

2. A Renovação da Vida Religiosa

2.1. A "fidelidade histórica"

O amplo movimento de atualização da Igreja, iniciado pelo Vaticano II e reafirmado na América Latina, em Medellín e Puebla, nos está pedindo, há mais de 20 anos, a renovação da Vida Religiosa.

O tema da "renovação" esteve sempre presente na História da Igreja, com maior ou menor intensidade. Trata-se, aliás, de um tema bíblico, intimamente relacionado com o da conversão e fidelidade histórica (Cf. p.ex. Ez 37). No Novo Testamento, Jesus nos convida a um novo nascimento, a não colocar vinho novo em odres velhos, à conversão e novidade de vida (Cf. Jo 3, Mc 1,15, 2,22, etc.).

As respostas às exigências conciliares de renovação, por parte da Vida Religiosa, foram e são bem diversas. Cada um de nós poderia analisar-se e rezar (como pessoas, comunidades e instituição), sobre esse tema, perguntando-se:

— O que significou e significa a renovação da Vida Religiosa para mim?

— Onde a coloco? No exterior, na "casca", ou sou capaz de ir ao

realmente importante: aprender a ler e interpretar as exigências e sinais dos tempos, à luz do Evangelho e da História, para dar uma resposta coerente ao mundo de hoje?(6).

— Que tipo de “fidelidade” vivo? Sou dos que pensam que o Concílio colocou o ponto final, esquecendo-me de que Medellín e Puebla constituem para nós uma releitura do Vaticano II, aterrissando em nossa realidade e exigindo da Vida Religiosa uma “fidelidade dinâmica” e portanto, continuamente renovada, ao Senhor da História, ao Evangelho de Jesus hoje?

2.2. Nossas origens

Não podemos esquecer as origens da Vida Religiosa. Ela nasceu como “uma impressionante aventura espiritual, cheia de audácia e criatividade. Homens e mulheres fracos e desconhecidos, empreendem a tarefa imensa de instaurar um novo estilo de vida cristã, sem modelos prévios, sem mais força do que o Evangelho e a imaginação criadora que procura realizar a Utopia do Reino neste mundo” (7).

Nossas origens são, portanto, proféticas. Nascermos como “contestação evangélica” à igreja constantiniana e à acomodação institucional em várias épocas da História; como resposta a necessidades e urgências de um mundo que precisava de profetas (e nossos fundadores e fundadoras o foram), e não de mantenedoras do “status quo”.

Nascermos para viver o Jesus do Evangelho e o Evangelho de Jesus,

com a maior coerência possível à condição humana. E fomos perdendo o “elã profético”, a radicalidade evangélica, o sentido mais profundo do **Seguimento de Jesus Cristo**.

A Igreja nos pediu “voltar às fontes”, beber da água pura das origens... Mas não se trata de um voltar por voltar, senão de uma volta enriquecida por séculos de tradição, vida e história: uma volta que traz consigo uma séria exigência de **consciência crítica** e de **consciência histórica**. Não se trata, portanto, de “repetir” as origens e seus esquemas, e sim de “recriá-las”, no hoje concreto de uma HISTÓRIA que constitui para nós o lugar privilegiado de nosso Seguimento de Jesus. Deus se nos manifesta, nos fala, nos questiona, nos exige um seguimento coerente de Jesus na realidade concreta e contraditória da América Latina. Por isso ela constitui um “lugar teológico” — de manifestação e interpelação de Deus — para nós. O futuro da Vida Religiosa depende de como a vivemos e da perspectiva que temos dela: depende se a olhamos como uma realidade de VIDA: algo dinâmico, criativo, em processo contínuo de revisão, de transformação, para responder aos apelos sempre novos da História, ou como um “estado” no qual nos instalamos — para assistir — como espectadores — da janela de nossas grandes obras, o desenrolar da História: sem entrar na caminhada histórica do Povo e incorporar-nos a seu Projeto, participando de sua luta e sofrimento.

O mesmo dinamismo do carisma funcional nos exige mais atenção, es-

cuta e discernimento, como se pode deduzir do "Mutuae Relationes", 12:

"Todo carisma autêntico traz consigo certa dose de genuína novidade na vida espiritual da Igreja, bem como de particular operosidade, que poderia, talvez, mostrar-se incômoda no ambiente, e também criar dificuldades, pois não é fácil reconhecer sempre e logo sua proveniência do Espírito".

O profetismo **Incomoda**. Ele recorda a eterna novidade de Deus e interpela continuamente a "ordem estabelecida"...

Renovar hoje (continuar renovando) a Vida Religiosa, significa e exige rever o que constitui o núcleo e fundamento de nossa Vida Consagrada na Igreja — a **VIDA EM JESUS CRISTO**. Supõe, mais concretamente, **rever o sentido de nosso Seguimento de Jesus, hoje, na América Latina**.

3. Seguir Jesus Cristo, hoje

3.1. O anúncio e testemunho de Jesus

A vida que Deus nos comunica tem sempre sentido porque é **VIDA**. E a Vida Religiosa só terá sentido se estiver arraigada em Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida. Se constituir, de fato, um testemunho de vida evangélica.

O que João escreveu, em sua primeira carta, deveria constituir um ponto de referência contínuo para nossa vida consagrada: "O que era desde o princípio, o que temos ou-

vido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpa-do no tocante ao **Verbo da Vida** — porque a vida se **manifestou** e nós a **temos visto**; damos **testemunho** e vos **anunciamos**... para que também vós tenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1,1-3).

A Vida Religiosa só terá razão de ser se constituir um anúncio do Verbo da Vida; só terá força profética se for testemunho e seguimento de Jesus de Nazaré, Filho de Deus e Filho de Maria: alguém profundamente presente em seu tempo, povo e história, e que constitui, para nós, religiosos, uma exigência concreta de encarnação e resposta ao nosso tempo, povo e história.

É bastante comum escutar esta afirmação: "A Vida Religiosa se caracteriza pela radicalização do Seguimento de Jesus" (com estas palavras ou idéias semelhantes). Nós a fazemos, muitas vezes, sem penetrar muito nas interrogações subjacentes à afirmação. E a primeira seria esta: — **Seguimento de que Jesus?**

Aqui se coloca para nós um desafio que deve ser aprofundado na oração, no contato com a Palavra, na vida...

3.2. Nossas imagens de Jesus

Quem é Jesus Cristo para nós?

A pergunta é simples. A resposta... não tanto, na prática. Temos que confessar que, muitas vezes, "velamos o verdadeiro rosto de Je-

sus”, identificando-o com tradições que o imobilizam e privam de sua eterna novidade... Outras vezes, esquecendo-nos de sua dimensão histórica; ou ainda, “fabricando” um Jesus Cristo à nossa imagem e semelhança, de acordo com nossos interesses e expectativas. É mais fácil seguir um Jesus atemporal, a-história, etéreo, inventado por nós, do que Jesus de Nazaré, Filho de Deus e de Maria, Servo, Crucificado, Salvador, Ressuscitado, presente no mundo e Senhor da História.

O primeiro desafio está, portanto, em **descobrir Jesus Cristo na América Latina**, lugar histórico e teológico de nosso Seguimento (8). Redescobrir o Jesus do Evangelho e o Evangelho de Jesus em toda a sua transparência e profetismo; contemplá-lo demoradamente, a partir do lugar social que escolheu e a partir do qual anunciou a Boa Nova a todos: **o mundo dos empobrecidos**.

A realidade do Terceiro Mundo em que vivemos, não está tão presente no Primeiro Mundo (mas nem por isso ausente dele). Trata-se de uma questão de “ótica”, de acento nas “maiorias” ou “minorias”. É essa realidade que nos leva a contemplar, com olhos novos, o Jesus do Evangelho, como alguém presente, encarnado, próximo. Por isso, o **dogma da Encarnação** tem um lugar central em nosso Seguimento de Jesus. Inserido em seu contexto, Ele partilhou a vida, alegrias e problemas das maiorias pobres, marginalizadas e sem dignidade. A encarnação e proximidade-presença constituem para nós uma categoria funda-

mental e existencial no Seguimento de Jesus, hoje.

Os pequenos e os simples contemplam com muito mais transparência do que nós, a Jesus de Nazaré. O contato com comunidades cristãs, em diversos países do Continente, vai fortalecendo, em muitos de nós, esta afirmação. Há poucos meses, numa comunidade eclesial de base de Fortaleza, um irmão do Peru perguntou ao grupo: “quem era Jesus Cristo para eles”. A resposta foi bem concreta: — Não é alguém que está de costas para nós, como se nos ensinou às vezes, lá no alto, ou só no sacrário... É alguém muito presente em meu esposo, esposa, filhos, nos irmãos da comunidade, sobretudo nos que precisam mais de meu apoio, nos que sofrem e lutam pela justiça... A Palavra de Deus lhes ensinou a descobrir essa dimensão de Jesus...

Outra faceta muito importante na imagem de Jesus é a da **MISSÃO**, contemplada e aprofundada a partir de Lucas 4,16-21. Esse texto tem sido muito valorizado na teologia da América Latina, não por “moda” e sim por sua relação com a figura do Servo de Javé e seu significado profundo em nossa teologia. A figura de Jesus Cristo libertador é essencialmente evangélica. E a **libertação**, como redenção e salvação, é também uma categoria teológica fundamental para nós. Por isto esse texto fala fortemente, sobretudo ao coração dos pobres. A partir dele se entendem a vida, os milagres, a mensagem, o Projeto de Jesus, o **REINO**, enfim. E dele nasce a exigência de uma **prática coerente**, que nos conduz ao desmascaramento

dos ídolos deste mundo. O Deus que Jesus anuncia e o Reino que Ele inaugura é o da Vida. Retomando o texto já citado, de Monsenhor Romero, encontramos noutra lugar, esta bela e verdadeira afirmação:

“Os antigos cristãos diziam: ‘Gloria Dei, vivens homo’, (a glória de Deus é o homem que vive). Nós poderíamos concretizar isto dizendo: ‘Gloria Dei, vivens pauper’. (A glória de Deus é o pobre que vive). Acreditamos que a partir da transcendência do Evangelho podemos julgar em que consiste na verdade a vida dos pobres; e cremos que, **colocando-nos do lado dos pobres e procurando dar-lhes vida, saberemos em que consiste a eterna verdade do Evangelho**” (9).

Daí se deduz uma terceira dimensão da imagem de Jesus na realidade histórica atual: **a de sua presença nos empobrecidos e marginalizados** (Cf Mt 25,31-46). Também esta é uma categoria teológica muito importante e atual em nossa Cristologia e Espiritualidade. Todo o discurso de Monsenhor Romero, em Lovaina, o expressa magistralmente: Cristo está presente, escondido e sem rosto no sofrimento dos pobres; e está salvificamente presente para todos os que deles se aproximam para ajudá-los a libertar-se.

Por isso as celebrações da Eucaristia, as reuniões de oração e partilha da Palavra, adquirem cada vez mais sentido nas comunidades cristãs. A presença sacramental se realiza plenamente quando aprendemos a “fazer memória Dele”, no sentido de atualizar seu gesto de entrega da

vida: **tornar-se comida e bebida para os irmãos.**

Finalmente, uma característica que é importante sublinhar — sem pretender ser exaustivos — é a de **Jesus como Boa Nova de Salvação**. Aí se descobre não só a força histórica do Evangelho, senão a totalidade da imagem de Jesus.

Essa ótica evangélica está sendo redescoberta com força crescente, na América Latina, sobretudo no mundo dos pobres. Não para levá-los a cruzar os braços e esperar passivamente uma “Boa Nova” que só será realidade na outra vida, e sim para entender as bem-aventuranças na realidade diária, no concreto da vida; para aprofundar a paternidade de Deus, nossa filiação em Cristo, a paz, a festa do encontro e perdão do Pai com os filhos pecadores...

Graças a essa compreensão e vivência e por testemunhá-las, milhares de homens e mulheres de nosso povo entregaram a vida. Seu sangue nos está dizendo que, para eles, o sentido da vida — JESUS CRISTO — foi mais importante do que a mesma vida. Por isso “venderam tudo” ao encontrar o tesouro, a pérola, o Reino (Cf Mt 13,44-50). Sua “memória” e testemunho estão questionando continuamente nosso Seguimento de um Jesus que não só anuncia o Reino e sim o personifica plenamente...

3.3. Alguns níveis de Seguimento de Jesus

A partir das dimensões ou características que determinam, de algum

modo, nossa imagem de Jesus, poder-se-iam também explicar alguns níveis em seu seguimento:

— **um primeiro nível:** consiste em acompanhar a Jesus física e afetivamente: **optar por Ele, estar com Ele.** Os Sinóticos o sublinham várias vezes, ao descrever diversos tipos de vocação.

— Além de optar por Ele e estar com Ele, é preciso **crer Nele, aderir a Ele, comprometer-se com Ele como valor absoluto.** Trata-se de um **segundo nível de seguimento.**

— Finalmente, o **terceiro nível: identificar-se com Ele, viver como Ele,** estar disposto a entregar a vida, continuar sua Missão de Anúncio do Reino, atualizando Sua Presença.

A vida cristã e especialmente a religiosa, deveriam constituir um processo contínuo de aprofundamento destes três níveis de Seguimento: algo eminentemente dinâmico, ativo e transformante.

Por isso, perguntemo-nos, finalmente:

— **O que significa para mim — para nós como comunidade — seguir Jesus Cristo hoje?**

— **Quais as exigências desse seguimento?**

A pergunta nos é dirigida pessoal e comunitariamente. E deve ser respondida por cada pessoa e comunidade, à luz da Pessoa de Jesus.

4. A Vida Religiosa como Seguimento de Jesus, hoje

4.1. Algumas exigências

O Seguimento de Jesus na Vida Religiosa nos compromete a **reproduzir a Pessoa de Jesus, revelação do Pai, aos irmãos: toda a Pessoa de Jesus com toda a nossa pessoa.**

Isto supõe, antes de tudo, **aprender a contemplar profundamente a Jesus,** na oração que se traduz em ação que se torna oração. Fomos educados para a dicotomia. Hoje, mais do que nunca, torna-se necessária uma “**espiritualidade de síntese**”.

Isso nos leva a aprender a unificar uma realidade que não deveria ter sido nunca separada: a da **CON-SAGRAÇÃO-MISSÃO.** O deixar-nos consagrar por Deus, para continuar a missão de Jesus, é um elemento essencial na Vida Religiosa. Ela não existe para realizar tarefas e sim para **REVELAR JESUS,** continuando a viver hoje sua **MISSÃO.**

Os três votos são **mediações,** formas concretas de expressar a adesão à pessoa e à causa de Jesus, numa atitude de liberdade e entrega incondicional. Sabemos que, até o século XII, a Vida Religiosa foi concebida como tentativa de radicalização do “**voto fundamental**” — o do Batismo, expressado pela vivência da **experiência de Deus, vida em comum e serviço aos irmãos.** O voto fundamental, como escreve J. B. Libânio, “é o próprio carisma da Vida Religiosa, é uma tradição histórica do seguimento de Cristo, da entrega ao Reino de Deus. É, de um lado,

uma mediação da realidade última do Cristianismo — o seguimento de Jesus, a vida do Reino, — e de outro se exprime através de outras mediações mais concretas”, os votos específicos (10).

A “tríade” (pobreza, castidade e obediência), adotada a partir do século XII, constitui uma forma de concretizar o voto fundamental, como resposta da pessoa aos três ídolos que sempre escravizaram a pessoa humana: o ter, o prazer e o poder. O Documento de Puebla nos recorda também hoje essa tríplice idolatria, e nos pede uma resposta coerente (11).

A vivência do “voto fundamental” e dos “votos específicos” deve realizar-se numa comunidade — lugar de comunicação e comunhão, e expressar-se na atualização da Missão de Jesus hoje.

4.2. Seguimento e Missão

A Igreja existe para evangelizar. Esta é sua única missão e nós bem sabemos quão exigente e totalizante ela é. A “Evangelii Nuntiandi”, os Documentos de Medellín e Puebla e as “Diretrizes gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil” (1983-1986) nos dão uma visão bastante integrada e completa da Missão.

Os apóstolos se tornaram realmente “Seguidores de Jesus” quando começaram a tomar consciência de que eram a “comunidade de Jesus”, e se puseram a “anunciar a Boa Nova de Jesus”. Aqui se coloca um sério questionamento para nós.

Assim como nos perguntamos sobre **nossa imagem de Jesus, o**

significado de seu Seguimento, poderíamos perguntar-nos sobre **nossa dimensão comunitária da Missão: — O que significa seguir Jesus em comunidade**, viver em fraternidade em vista da Missão? Estar juntos as 24 horas do dia... fazer um “recreio comunitário”... juntar-nos ao redor de uma televisão? Isso cria realmente fraternidade? — Ou somos um grupo que descoriu, como Jesus, a **MISSÃO** que o Pai lhe entregou e, a partir dela, se assume e vive a consagração religiosa como **comunidade-para-a-missão e comunidade-em-missão?** — Qual o ponto de referência de nossa vida consagrada: a **comunidade** ou a **missão?** — Assumimos como grupo fraterno a tarefa de cada membro do grupo, acolhendo o **pluralismo de tarefas** como uma riqueza, e integrando-os na **Unidade da Missão?** — A **Missão** constitui, realmente, para nós, a chave de intelecção do carisma da Vida Religiosa, hoje, na Igreja? Se não for assim, estaremos negando nossas origens evangélicas e o profetismo de nossos carismas fundacionais.

5. Evangelho e Seguimento

Para alguns teólogos os dados evangélicos sobre o Seguimento de Jesus são pouco sistematizados e dispersos. De fato, nenhum evangelista pretendeu fazer um tratado teológico sobre o tema. Entretanto, são claros os traços específicos do Seguimento. J. I. González Faus, por exemplo, sublinha os seguintes:

— **a força de irradiação da pessoa de Jesus** que arrasta e é mais forte que todas as resistências hu-

manas, quando se acolhe o seu "Vem e segue-me" (Cf Jo 1,35-51);

— **a liberdade de opção:** ninguém O segue por proselitismo e sim por adesão e convicção; porque se sente tocado por Ele no mais profundo de seu ser, na zona da liberdade que coincide com o melhor de nós mesmos (Cf Jo 6,64-70);

— **a gratuidade:** a escolha é Dele. Chama os que quer e porque quer, para prosseguir sua obra (Cf Mc 3,13; Jo 15,16), e pede que se dê de graça o que se recebeu gratuitamente (Cf Mt 10,8b);

— **a desinstalação e totalidade de entrega:** diante Dele não há possibilidade de "regatear", de pedir para "deixar por menos", de agarrar-se ao passado (Cf Lc 9,57-60);

— **a comunidade:** Jesus chama em grupo, e o grupo potencia cada um para a Missão, o serviço do Reino (Cf Mt 10), em disponibilidade total (12).

Parece-nos também que, a partir do Evangelho de Marcos, pode-se pensar numa certa "sistematização" das exigências e conseqüências do Seguimento de Jesus.

De fato, Marcos tem sido lido por alguns teólogos sob o prisma do Seguimento, dentro do marco geral do ANÚNCIO DO REINO. Aceitar o Reino, aderir a Ele, comprometer-se com seu anúncio, supõe e exige engajar-se, sem restrições, no Seguimento de Jesus. Em quase todos os capítulos de Marcos encontramos situações de Seguimento ou de não Seguimento de Jesus. Por isso as exigências da aceitação do

Reino e da participação em sua vida, causa e destino são muitas (13):

— incondicionalidade de resposta, mudança de mentalidade e de coração (Cf 1,16-20 e 2,13-14);

— ruptura com a estrutura simbólico-religiosa dominante, para buscar novas expressões de relação com Deus e com os homens, mais além do sábado e da lei, partilhando, inclusive da amizade dos marginalizados socialmente, mas que querem mudar de vida (Cf 2,15.18-22; 23-28; 7,12);

— subir com Jesus à montanha e aprender a contemplar o Pai a partir do sofrimento dos irmãos; aproximar-se de Deus com Jesus, para conhecer e realizar sua missão, conscientes da força da oração (Cf 3,13-19; 11,20-25);

— ser enviados por Ele, em pobreza, e rever a missão à luz de sua práxis (Cf 6,6-13; 9,38-40; 6,31.35-52; 7,18);

— aceitar a cruz sem escandalizar-se, e também as conseqüências da aceitação (Cf 8,31; 9,31: partilhar a vida e destino de Jesus que subvertem, muitas vezes, a "ordem estabelecida" (Cf 8,34-38);

— aprender a ser servidor, viver a autoridade como serviço (Cf 9, 35 ss). Por isso o seguidor de Jesus é, antes de tudo, alguém que se faz pequeno, que partilha com os pobres, consciente de que a riqueza constitui um bloqueio ao Seguimento (Cf 10,13-31);

— tomar cuidado com os critérios e conduta dos escribas e fari-

seus, os letrados (Cf 12,38-40), e aprender a valorizar o aparentemente pequeno e desprezível como o óbulo da viúva (Cf 12,41-44);

— aprender a perceber os sinais de Deus na História e colocar-se, por isso, em atitude de escuta e discernimento (Cf 13,23-30; 13,37).

6. O Desafio

A síntese do que significa o Seguimento de Jesus, em todos os tempos, se encontra em Mc 3,13-15: um chamado gratuito (“chamou os que quis”), a convivência (“para que estivessem com Ele”), e a Missão do Reino (para enviá-los — em pobreza — a pregar e exorcizar os demônios).

É isso o que significa **SEGUIR JESUS HOJE NA AMÉRICA LATINA**: aderir totalmente a Ele, entrar em sua intimidade, deixar-nos impregnar por seu modo de ser e de realizar a missão do Reino, e levá-la adiante com Ele e como Ele:

“Disse-lhes outra vez: ‘A paz esteja convosco’! Como o Pai me enviou, assim também **Eu vos envio**” (Jo 20,21).

Por isso, seguir Jesus Cristo hoje, implica em **PROSSEGUIR SUA MISSÃO**: continuá-la no hoje da América Latina, atualizar o Reino, cujos principais destinatários são os pequenos e pobres.

NOTAS

(1) Jesus fala 26 vezes da “hora” no Evangelho de João: o tempo da Paixão e também da glorificação. Trata-se de algo por chegar (Cf. Jo 2,4; 4,21-23;

Aí se coloca, para nós, o **grande desafio da Vida Religiosa hoje na América Latina**: procurar — com toda a sinceridade — a **coerência evangélica**, exigência do Seguimento de Jesus. Ter a coragem de perguntar-nos quem é Ele, quais os seus critérios, qual o seu Projeto, a sua Missão, o seu Fim, e **comprometer-nos totalmente com Ele**.

Sem reticências... sem voltar às seguranças do passado, numa atitude de “fidelidade dinâmica às nossas origens”, o que exige atualizar cada dia o “Profetismo da Vida Religiosa na Igreja”. Viver — nesta hora da “Páscoa latino-americana” — tão cheia de cruzes, de martírios, de luta, de mortes e de ressurreição, a grande Esperança que é Jesus Cristo. Escutar seu “grito” no grito dos que sofrem e morrem cada dia, por causa da negação do Plano de Deus... Desvelar seu “Rosto” no rosto dos empobrecidos, marginalizados e crucificados de nossa História... Revelar sua Mensagem através de uma práxis comprometida e criadora de Justiça e Fraternidade. Seguir suas pegadas pelos caminhos sinuosos mas cheios de Esperança da História de nosso Continente (ou subcontinente), com os olhos postos na Meta, continuando, no hoje, aqui e agora de uma história de Morte e Vida, sua **MISSÃO LIBERTADORA**.

5,25.28-29; 7,30; 8,20) ou que já está presente (Cf. Jo 12,23-27; 13,1; 17,1).

(2) **Documento de Puebla, Mensagem aos povos da América Latina**, 1; Cf. tb. a Apresentação do Documento de Medellín. (3) **La dimensión política de la**

voz de los sin voz. La palabra viva de Monseñor Oscar Arnulfo Romero. Presentación de R. Cardenal, I. Marín Baró y J. Sobrino. San Salvador, UCA/ Editores, 1980, p. 188-189. (4) Cf. Folha de São Paulo de 2/5/84, p. 5. (5) **La Vida Religiosa como Seguimiento de Cristo en la Historia em Diakonia** 28. Managua, dez. 1983, p. 281-282. (6) Cf. G.S.4. (7) Cf. V. CODINA, **artigo citado**, p. 275. (8) Cf. para o relativo à figura de Jesus na América Latina o artigo de J. SOBRINO: **Qué Cristo se descubre hoy en América Latina? Hacia**

una nueva espiritualidad em Diakonia 29, Managua, marzo/84, p. 47 ss. (9) Cf. **discurso citado no lugar citado**, p. 193. O sublinhado é nosso. (10) **As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais. Sua incidência sobre a Vida Religiosa**. Petrópolis, Vozes/CRB, 2ª ed., 1981, p. 35. Cf. também p. 33-38. (11) Cf. por ex. os n.ºs 491, 493 e 494 do Documento. (12) Cf. **Seguimiento de Jesús y Vida Religiosa em Diakonia** 28, Managua, 1983, p. 255-262. (13) Cf. C. GALLARDO, **Cuest. al Celam III desde el camino de Jesús em Christus** 57, México, 1978, p. 52-53.

Diálogo — 3 —

Bíblia: “O reino do céu é como um homem que semeou **boa semente** no seu campo. E o inimigo semeou junto a **má semente**” (Mt 13, 24). “O reino do céu é como a **semente de mostarda**” (Mt 13, 31). “O reino do céu é como **o fermento...**”

Leitor: Nenhuma analogia é perfeita. A realidade humana não cobre a realidade divina. Mas o que se descobre por debaixo destas analogias é o **ESPÍRITO** do reino do céu: paciência, longanimidade, tolerância, paz, silêncio, liberdade de consciência... Nada mais avesso ao reino do céu quanto a intolerância e a precipitação.

Bíblia: “O Espírito socorre nossa fraqueza. O Espírito intercede por nós com gemidos que as palavras não podem explicar” (Rom 8, 26).

Leitor: O Espírito é a força de Deus que anima, orienta, sustenta nossos passos. Só este Espírito pode fazer o homem compreender aquele espírito do reino.

Bíblia: “Queres que arranquemos o joio?” (Mt 13, 28).

Leitor: Temos uma manifesta tendência maniqueísta: eliminar e condenar. Separar tudo em bons e maus. Porque nossos critérios humanos ficam na aparência e não podem descer ao âmago, marginalizações insensíveis e graves injustiças se multiplicam.

Bíblia: “No tempo da colheita, direi aos segadores...” (Mt 13, 30).

Leitor: Ter paciência, pois. Esperar e crer na colheita. Não será a minha hora nem a nossa hora. Nem a hora do adversário. Nem a hora da astúcia do homem. Sem dúvida, será a hora de Deus e de sua graça.

O APRENDIZADO DE UMA CAMINHADA

**Grupo de Reflexão sobre Educação
CRB Nacional**

Pretendemos, neste artigo, falar sobre a problemática do Religioso Educador. Tomamos como **marco histórico e decisivo** a realização da XI Assembléia Geral Ordinária de 1977 e a **criação do GRE Nacional** (Grupo de Reflexão sobre Educação), acontecida em 1978.

Abordamos, a seguir, os **Passos da caminhada do GRE**, assim como as **Percepções e Luzes da caminha-**

da dos Religiosos Educadores. Finalmente, apontaremos a proposta de novos passos na caminhada, ou seja, as **perspectivas de ação** para concretizar o Projeto de Vida Religiosa no campo da educação.

No próximo número da **CONVERGÊNCIA**, concluiremos nossa reflexão com um artigo sobre "A Animação de uma Província Religiosa dedicada à Educação".

1. UM MARCO HISTÓRICO: A XI ASSEMBLÉIA GERAL — AGO/1977 E A CRIAÇÃO DO GRUPO DE REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO (GRE NACIONAL)

A XI Assembléia Geral Ordinária da CRB, realizada em 1977, estudou o grande tema: "OS RELIGIOSOS NA REALIDADE NACIONAL E ECLESIAL DO BRASIL". Para abordar essa temática, foram feitas três palestras: **A REALIDADE NACIONAL**, pelo Prof. Arthur Rios; **A REALIDADE ECLESIAL**, por Dom Celso Queirós; **A INDOLE E QUALIDADE DA PRESENÇA DOS RELIGIOSOS NA IGREJA E NA TERRA DO BRASIL**, pelo Pe. Marcelo C. de Azevedo, SJ, Presidente da CRB Nacional (cf. 1).

Questionamentos profundos foram feitos à VR no seu todo e, particularmente à VR dedicada à educação. Eis algumas das constatações levantadas pelo Pe. Marcelo, e que representam verdadeiros desafios ao Religioso Educador:

1 — Na sua opção pela educação, o Religioso tem usado a **ESCOLA** como instrumento exclusivo de evangelizar, até muito recentemente.

2 — É profundamente questionado o **alcance evangelizador** da escola católica, seja pela sua própria

estrutura, seja pela índole da clientela burguesa a quem serve, em grande número de casos.

3 — O sistema educacional trata a **escola como empresa**, dificultando a democratização de sua oferta de educação. Isto impede a escola católica de atender às classes mais pobres. O reduzido número de alunos atendidos por ela, frente a tantos que não têm condições de estudar por situações econômicas, constitui-se em desafio para o Religioso.

4 — No desejo de **atender às classes mais pobres**, algumas Congregações abriram, ao lado dos Colégios diurnos pagos, Colégios noturnos populares não pagos. Essa duplicação de esforços, além de incidir sobre a VR, pelo aumento de trabalho para o religioso, tem gerado insegurança e mal-estar, pela convivência de dois tipos de educação, sendo um mantido pelo outro, e pela dificuldade prática de educar para a justiça os alunos das classes mais favorecidas.

5 — A **convivência** constante com a **burguesia** influi negativamente no estilo de vida dos Religiosos e na sua própria formação.

6 — Os problemas se agravam quando os religiosos dos Colégios sentem a diminuição das próprias forças e a complexidade crescente das obras. Estas **absorvem** as pessoas, afogando-as no mar dos compromissos administrativos e impedindo-as de ler, estudar, atualizar-se, de acompanhar o próprio ritmo e as perspectivas de aprimoramento pedagógico e evangelizador, como das tendências de VR nos dias de

hoje. Assim, os Colégios e Universidades passam a ser administrados pelos religiosos mas implicitamente dirigidos pelos leigos do ponto de vista de orientação da mentalidade, e dos objetivos concretos e imediatos. Isto vem a agravar não só a evangelização, mas também o profetismo da VR.

7 — Torna-se muito difícil qualquer perspectiva de uma **política educacional global dos Religiosos** em nível nacional. Não se consegue ultrapassar as raias da preocupação imediata da própria obra ou Província, chegando-se quando, muito, ao patamar metodológico ou pedagógico. Não se consegue chegar ao fenômeno educacional a nível teológico ou filosófico, e à perspectiva de uma política nacional de educação. Diante de toda essa situação surgiu uma pergunta fundamental: **Qual o papel da VR nesse contexto?**

Os Superiores Maiores, reunidos na XI AGO — 1977, aprovaram a 7.^a proposição que visa atender a essa problemática do Religioso Educador.

“Que a CRB, no cumprimento de seus objetivos de animar e promover a qualificação dos religiosos para a sua atuação pastoral, ajude aos que se dedicam ao campo da educação a reencontrarem o **sentido de sua vocação e de suas obras, como educadores da fé**, conscientes das exigências da realidade em que estão historicamente inseridos. Que se criem para tanto, em colaboração com a AEC nacional e regional, **GRUPOS DE REFLEXÃO E DE APOIO** para o estudo e orientação

do nosso trabalho educacional, visando a superação do modelo de cristandade:

“a) acentuando a educação libertadora;

“b) colocando as obras educacionais dentro da pastoral de conjunto;

“c) reorientando e motivando a abertura a novos campos e atividades;

“d) ajudando a discernir as exigências que o momento histórico faz às Congregações cujo carisma inclui a Pastoral de Educação, de modo a favorecer uma integração entre o ser religioso e o ser educador;

“e) discutindo as linhas e prioridades que poderiam orientar a unificação e reorientação de nossas forças e recursos;

“f) incentivando experiências, possivelmente intercongregacionais, que possam servir de laboratório;

“g) e, sobretudo, embasando todo esse esforço em uma sólida visão teológica de nossa vocação de religiosos, a serviço da Igreja e dos homens, em especial dos pobres” (2).

O mesmo apelo foi feito, seja na XII AGO 1980, como na XIII AGO 1983:

2. OS PASSOS DADOS NA CAMINHADA DO GRE

Por passos da caminhada entendemos as diversas realizações do GRE Nacional, a começar pela própria constituição do Grupo. Nessa constituição procurou-se obedecer aos critérios de diversidade de Congregações, de representatividade dos

“Considerando a prioridade que Puebla dá ao trabalho junto ao jovem, a CRB, em entrosamento com a CNBB e AEC, procure proporcionar aos Religiosos Educadores, **assessoria e diretrizes claras** para uma prática educativa que tenha como objetivo uma sociedade mais justa, visando a evangelização libertadora” (3).

“Diante das exigências de nossa realidade sócio-cultural, a CRB continue oferecendo subsídios aos Religiosos Educadores, para que se empenhem numa **verdadeira educação para a justiça**. Levando em conta as opções de Puebla pelos jovens e pelos pobres, dê particular atenção aos que se dedicam à juventude e à educação popular” (4).

Na tentativa de operacionalizar essas proposições, a CRB constituiu, em 1978, o GRE (Grupo de Reflexão sobre Educação), como um “grupo de Reflexão e Assessoria da CRB Nacional, em colaboração com a AEC e CNBB, para desenvolver a reflexão sobre a problemática específica do Religioso Educador, e propor às respectivas Diretorias, atividades conjuntas para estudar a realidade do Religioso Educador, na sua missão específica na Igreja” (5).

organismos da CRB, AEC e de mediações engajadas na educação, e se tentou definir a natureza, finalidade e meios do referido grupo.

Mas foi a própria prática do grupo que o levou a delimitar sua área.

de atuação e a estabelecer os critérios de ação. Ao GRE competirá focalizar, sobretudo:

1 — A identidade do Religioso Educador no setor educacional.

2 — O aprofundamento da pessoa do Religioso Educador na escola, e ver em que condições esta continua sendo a mediação para sua missão evangelizadora.

3 — A sensibilização, mobilização e comprometimento dos Religiosos Educadores para viverem um projeto de Vida Religiosa, a partir da missão, do SER Religioso e dos pobres.

4 — A criação de condições para que os Governos Provinciais possam entender e concretizar uma animação a partir desses referenciais:

O Ser Religioso, a Missão e os Pobres (6).

Como critérios de ação foram adotados:

— Visar sempre a identidade do Religioso Educador em projeto de vida e missão.

— Optar por formar agentes de transformação.

— Priorizar a dinâmica do processo e não de episódios.

— Partir da ótica do pobre.

— Valorizar a pessoa mais do que os programas e conteúdos.

— Enfatizar a prática e atitudes mais do que os discursos.

— Não propor a programação a partir do GRE Nacional, mas sempre das bases.

— Provocar o envolvimento e reações nas bases.

— Buscar em tudo as raízes dos fatos.

— Valorizar experiências significativas (7).

A **Reflexão**, função específica do grupo, ficaria empobrecida se partisse somente da experiência dos membros do GRE, limitado ao número de seis ou oito pessoas, e por isso, decidiu-se, em consulta à base, colher dados significativos e representativos sobre a caminhada do Religioso Educador.

Quatro foram os meios utilizados: 1) Sondagem junto às Províncias. 2) Jornadas com Religiosos Educadores. 3) Seminários. 4) GREs Regionais e Provinciais. Os dois primeiros propiciaram uma amostragem pouco significativa da qual não se podem deduzir tendências nem tirar conclusões. Já os Seminários, cujo conteúdo obedeceu às necessidades e sugestões dos Religiosos Educadores, vindas de todas as partes do Brasil, deram à CRB Nacional, através do GRE, melhores condições para “animar” a Vida Religiosa que realiza sua vocação no campo da Educação.

Com uma dinâmica participativa, envolvendo maior número de religiosos na reflexão, o GRE viveu a metodologia do “ver-julgar-agir-transferir”, fazendo o fluxo e refluxo “base-centro”, dentro das possibilidades de que o grupo dispunha. Essa dinâmica vem sendo aplicada com proveito, em vários Regionais e

Províncias que criaram seus GREs para animação e renovação da vida do Religioso Educador.

Nos cinco Seminários, dos quais o quarto foi vivido com a CLAR, foram abordados os seguintes temas:

1.º: 1979 — Missão do Religioso Educador no atual contexto histórico brasileiro e eclesial.

2.º: 1982 — A Animação do Setor da Educação Formal de uma Província a partir do Ser Religioso.

4.º: 1983 — A Evangelização como Missão do Religioso na Escola, no atual contexto latino-americano.

5.º: 1984 — A animação de GREs Regionais.

Na visão do GRE Nacional, os Seminários não constituem fins em si mesmos, mas são considerados **espaços** que permitem ver a caminhada do Religioso Educador, aprofundar sua identidade e perceber as perspectivas de reenfoque da Missão do próprio GRE, das Congregações, da CRB, da AEC, tanto a nível nacional quanto regional e/ou estadual.

Promovidos com a colaboração da AEC e CNBB, dado o modo com que foram e são preparados, conduzidos e seguidos, são simultaneamente **laboratório para o GRE e es-**

paço nobre de Encontro dos Religiosos que trabalham na Educação.

São também **Escola** para os participantes vindos dos Regionais e para o GRE. A metodologia do **“aprender fazendo, centrada nas pessoas”**, e a dinâmica da **coordenação aberta**, criaram condições de uma **experiência-escola-de-vivência**, que leva a incorporar o aprendizado na vida e não apenas intelectualmente. Importa ressaltar que o conteúdo desse aprendizado é a Vida Religiosa como tal e daí, a importância dada às pessoas, à oração, à metodologia da participação e comunhão, à dimensão profética da Vida Religiosa.

Os **GREs Regionais e Provinciais**, quarta mediação da qual o GRE Nacional lançou mão para ajudar o Religioso Educador, constituem preocupação desde o início, já que pouco valem Seminários episódicos ou como fins em si mesmos.

O GRE sempre se pautou pela linha de **processo**, e está consciente de que o pós-Seminário deve ser o núcleo inspirador de toda a caminhada. Esforça-se por isso, em criar condições, para que a pessoa viva de tal modo o Seminário, incorpore vivencialmente os conteúdos, que ao voltar a seu campo de Missão, possa **“fazer acontecer algo”** porque viveu uma experiência através da qual **“algo já acontecesse nela”**.

3. A CAMINHADA DOS RELIGIOSOS EDUCADORES

Indicaremos aqui as esperanças, desafios e questionamentos que foi possível detectar no cumprimento da missão dos Religiosos Educado-

res, e no processo de animar e renovar essa missão que cabe aos Governos Provinciais, à CRB e suas Regionais.

Estas percepções são fruto do contacto com mais de 500 Religiosos de todo o Brasil e dos países da América Latina (menos Cuba e Honduras). Não são afirmações dogmáticas; foram sendo percebidas pelo GRE ao longo de cinco anos de um trabalho mensal de reflexão.

3.1. **Esperanças (ou passos já andados)**

1. **O trabalho da AEC do Brasil** é de suas Secções Estaduais em relação à pastoral educacional: trabalho a partir dos Pobres, experiências de Educação Popular, tentativas de atingir a raiz dos problemas, abertura das Escolas para uma pastoral mais ampla, publicações de alto nível, renovadoras, em busca de uma Sociedade nova, mais fraterna e justa.

2. **O esforço de muitas Congregações**, empenhadas na volta às fontes, redefinindo e atualizando o Carisma, traduzindo o Fundador para o momento histórico atual.

3. Muitos esforços concretos na **organização e planejamento da pastoral educacional** nas Províncias: formação de Equipes para a Educação Formal, encontros de aprofundamento, etc., (embora sejam avanços mais de nível técnico e de implementação do que já existe: busca-se dar "mais educação" e não "outra educação" em vista de "outra sociedade").

4. O esforço de compreensão e progressiva **aceitação mútua** entre os que trabalham em Escolas e nas obras de inserção direta nos meios populares.

5. Avanço na valorização e promoção do **Leigo** como Educador Cristão e não apenas como profissional da Educação, ou auxiliar na falta de Religiosos.

6. Redescoberta da intuição primeira do **Carisma** e conseqüente re-dimensionamento de obras tradicionais, como a Escola. O Carisma não deve ser visto como desencarnado, sem explicitação das mediações históricas como as que os Fundadores viveram. É preciso saber dentro de uma análise social global, "quem é o pobre hoje", como fruto de uma situação estrutural.

7. Grande esforço de **animação do setor de Educação Formal das Províncias**, com mudanças exteriormente pouco significativas, mas profundas e sérias: p.ex., a progressiva tomada de consciência de que a VR nos Colégios foi, em grande parte, apropriada e utilizada pela burguesia para seu próprio proveito. Em geral, nossos Colégios e Universidades são procurados por sua categoria profissional e educativa e não como espaço para aprofundamento da compreensão e da vivência da fé.

3.2. **Desafios (ou passos insuficientes)**

1. Nossas Escolas têm uma **estrutura capitalista** e por isso reforçam o sistema.

2. A Escola, com sua dinâmica de rotina, não causa mais o impacto do **gesto profético**. Não exerce papel de vanguarda na transformação da sociedade brasileira. Importa reconhecer estes limites, e descobrir a real participação da Escola na ação

transformadora, em vista de uma sociedade mais justa e fraterna.

3. As **Comunidades** em geral não oferecem aos Religiosos as condições para a reflexão, oração e conscientização. Os Religiosos que não descobrem sua identidade como educadores podem chegar a engajamentos que, afinal, são fugas de sua missão profética.

4. A crise de identidade do Religioso Educador tem como causas:

— A crescente formalização do Projeto Religioso: o chamado inicial é engolido pela formulação jurídica; a dinâmica da conversão permanente é sacrificada pela rotina de uma observância que passa a ser um fim em si mesma.

— O fato de a Escola ser fonte de poder e ideologia e os problemas que a educação traz para a Vida Religiosa em geral, por se situar dentro de um contexto que contradiz o Projeto Religioso.

— A inconsciência, por parte de muitos Religiosos, em relação à mudança radical do relacionamento da Igreja com a sociedade. Num regime de cristandade, a Igreja ajudava os Pobres a partir das classes mais favorecidas. Hoje, trabalha mais com as classes menos favorecidas e é a partir delas, a partir desse novo lugar, que olha o mundo e lhe fala.

— A dicotomia entre o fazer e o ser: o Projeto Religioso e a Missão parecem duas realidades paralelas: a oração e a ação não se interligam; insiste-se demais nas tarefas a fazer.

— O fato de muitos Religiosos estarem ocupados com administra-

ção e com as tarefas burocráticas das Escolas, e pouco com as tarefas específicas da Pastoral Educacional direta. Em consequência, facilmente se confiam aos leigos essas funções básicas, aumentando assim a crise de identidade do Religioso Educador.

5. As experiências de renovação parecem ter sido feitas mais **em função das Escolas**, para serem Evangelizadoras, do que em vista da Missão Profética dos Religiosos que aí trabalham.

6. Na **pirâmide social**, os Religiosos ocupam um lugar entre os 20% superiores, abaixo dos muito ricos (1%) e dos ricos (4%), e acima dos proletários (30%) e dos subproletários (50%). Têm segurança econômica, afetiva, de saúde, e mais chances de aculturar-se. Como nosso pensar, embora dito evangélico, **é feito a partir de instituições forjadas pelo sistema**, é muito difícil fazermos uma opção pelos Pobres, pelo Povo.

7. Verificou-se a **ambigüidade** em que caem os Religiosos, quando confundem mudança de linguagem com mudança de mentalidade. Por isso, os problemas sociais em geral repercutem tão pouco dentro dos Colégios. Uma convivência maior com as classes populares e a participação em suas lutas ajudariam muito na conversão pessoal e comunitária, na opção efetiva pelos Pobres (8).

Esta ambigüidade revela-se também na incoerência entre **discurso e prática**, e na dificuldade de des-

velar ideologias e motivações pouco profundas que de fato animam e comandam nossa prática.

8. Os Religiosos que trabalham em Escolas, dada a complexidade do trabalho que isto implica, e as exigências legais, fiscais e trabalhistas, são levados ao **isolamento** e ao **imediatismo**, tendo linhas e atividades pastorais distintas, paralelas e até contrárias às da Igreja Local, e, ao mesmo tempo, sentem sérias dificuldades para perceber a caminhada da renovação no campo da educação, e para unir-se numa voz e força comuns.

9. O que explica a **dificuldade em interessar os jovens Religiosos** para trabalharem nas Escolas é que nelas não parece realizar-se claramente a novidade da Vida Religiosa. Se não mostramos que o Colégio se propõe fazer uma educação libertadora, os jovens só pensarão em inserção nos meios populares. É preciso, neste sentido, mostrar perspectivas de esperança concreta também no campo da Educação Formal.

10. **Não se faz, em geral, educação libertadora** nas nossas escolas, a partir da ótica dos empobrecidos e do Ser Religioso como testemunho profético: Faltam objetivos claros e operacionais nesta perspectiva. É muito insignificante a formação de agentes de transformação. Falta ainda mudar a estrutura da Escola. Não estão claras as razões que nos levam a permanecer na Educação Formal.

Toda essa situação tem como causa: A diversidade de pontos de vista dos vários setores da Escola e da Província. Os interesses da clien-

tela. O medo de correr o risco. Uma vida religiosa pouco profética. A dicotomia entre o Ser Religioso e o Ser Educador.

11. A animação do setor de Educação Formal das Províncias é quase sempre **conservadora**. A prova disto está no fato de os Colégios não inquietarem as Famílias nem conseguirem motivar os novos Religiosos para que trabalhem nos Colégios.

A prova mais evidente, entretanto, está na presença insuficiente e até quase nula da Vida Religiosa na obra de transformação do mundo, a partir do seu **novo lugar** na Igreja. Se, antes, o que parecia caracterizar o Religioso era a fuga do mundo, hoje o questionamento se fará por uma forma nova de inserção no mundo. Além dessa dicotomia entre Vida Religiosa e mundo, fala-se do mundo com um conhecimento empírico ou conjuntural. Não se vê, em geral, a preocupação de chegar às **causas estruturais** de problemas como a pobreza.

12. Não se nota a presença do **sentido crítico** que os Religiosos devem ter por natureza, pois sua vida é crítica dos valores da sociedade atual, valores que são anti-evangélicos. Historicamente, a Vida Religiosa começou quando terminou a era dos mártires e a Igreja temeu instalar-se.

15. Há falta de referência às teorias sobre as **relações entre Escola e Sociedade**. Não aparecem o conhecimento e a consciência destas teorias e dos problemas conexos: fracasso da escola, dupla seletividade

da escola católica, marginalização cultural, custo privado e custo social da educação, fenômeno pedagógico e fenômeno educativo, etc. Esta ausência acaba influenciando na animação que aparece como nitidamente conservadora.

14. Nota-se igualmente a ausência de uma **percepção histórica das causas da crise**, no setor da Educação Formal. O Colégio Católico pertence a uma estrutura da Igreja e da Sociedade que já está passando do modelo de cristandade ou do modelo modernizante de Igreja, mas não chegou ainda à visão nova da Igreja, à Igreja a partir dos Pobres. Esta não se compreende como um poder histórico, em competição com o Estado e suas instituições, mas como sinal escatológico da libertação que vem de Deus e que acontece no próprio processo histórico.

15. **Qual o significado da missão pastoral da Vida Religiosa na Pastoral educacional?** Os relatórios dos trabalhos dos Religiosos Educadores evidenciam a presença marcante dos Religiosos na pastoral. Mas o que importa não é a presença e sim o **tipo** desta presença deve iluminar-se com o **novo**, surgido pela mudança da relação da Igreja com o mundo, a partir do Vaticano II e sobretudo a partir de Medellín e Puebla. Este **novo** é a inversão de perspectivas em relação aos Pobres. A Igreja tentou influenciar a Sociedade a partir da elite à qual se aliou historicamente, resultando daí um aburguesamento da vida e do pensamento, que levou a uma releitura burguesa do Evangelho a partir dos interesses das classes média e alta.

A Igreja hoje quer autocompreender-se a partir dos Pobres, quer ver a História a partir dos Pequenos. Os Pobres e os Pequenos deixam, nesta perspectiva, de ser **objetos** da caridade para serem sujeitos de seu próprio processo de libertação.

16. A Educação Formal, na atual estrutura social, é um **lugar ambíguo** para a evangelização e, com maior razão, para a Vida Religiosa. A Escola cria ambigüidade para o testemunho que o Religioso quer dar, pois, em geral, é reprodutora e legitimadora da ordem social existente e de suas ideologias. Não é fácil criar e explorar brechas. Outra ambigüidade vem da influência que os Colégios exercem sobre a Vida Religiosa dos religiosos que aí trabalham, pois todos são marcados pela educação que realizam. Seu modo de vida passa a ser condicionado pelos contatos que a escola gera. Há contágios das idéias que podem levar ao distanciamento dos valores evangélicos.

3.3. **Questionamentos (ou preocupações frente à inconsistência ou incoerência das condições criadas para a caminhada dos Religiosos Educadores)**

1. Pode-se perfeitamente continuar sendo fiéis aos carismas fundacionais, formando elites sociais. Resta saber **quem**, hoje, se **revela como elite**. Quem quer as mudanças parecem ser as classes emergentes e não a classe dominante.

2. Os Colégios podem não ser **reprodutores** do sistema, e a escola

pode ser um lugar de mudanças, pois todo sistema é passível de mudanças. A tese da reprodução não é válida em si; isto só acontece com a escola que não luta em favor de uma nova sociedade. No Brasil há brechas, por mínimas que sejam, para grupos de Religiosos e Leigos constituírem obras educacionais que não sejam reprodutoras, apesar da dependência econômica.

3. Os desafios lançados aos Religiosos Educadores pela evolução da Vida Religiosa se limitam a uma redefinição de objetivos ou são expressão de uma **transformação mais profunda de toda a vida**? A crise de identidade vem da crise da escola, ou da dificuldade de articular a experiência da Vida Religiosa e o projeto de educação?

4. Há Províncias que estão partilhando o carisma com os leigos e até investindo na formação deles, quase na linha de um "noviciado para leigos". Entretanto, é preciso perguntar se isso está ajudando a ver melhor nosso lugar de Religiosos junto ao Povo. Não estaríamos formando leigos à nossa **imagem e semelhança**?

5. Como fazer emergir um projeto de Vida Religiosa que seja **significativo em si** e não em razão da eficácia do que produz? A situação que analisamos é questionamento profundo e global da Vida Religiosa ou será só ocasião de melhorar tecnicamente os Colégios?

6. Que **ideologia** está por detrás da renovação de alguns Colégios? É um processo de renovação em função de quê? Houve atenção à ideologia que continua ou passou a ser

transmitida no currículo total, na metodologia, nos conteúdos, nos relacionamentos, nos valores ministrados? No Colégio, estamos do lado das elites? Em geral, não atingimos a realidade global, pois ficamos no fenômeno pedagógico ou didático, e não chegamos ao **fenômeno educativo**. Este deveria levar os colégios não só a formar agentes de uma sociedade mais justa e fraterna, mas a capacitá-los para essa missão, transformando a própria escola numa experiência concreta dessa nova sociedade.

7. Para quem assume a ótica do Pobre, é suficiente uma conversão pessoal, i.e., **sem mudanças coletivas ou estruturais**? É possível vivenciá-la em profundidade, sem uma articulação permanente com pessoas ou situações que se movimentam em busca de situações mais fraternas, sem um "banho de povo"?

8 **"Por que não estamos evangelizando de fato, em nossos colégios, sobretudo a partir de nosso Ser Religioso?"**

9. Quais as causas reais da pouca motivação dos jovens Religiosos para assumir a educação na escola? Que **imagem** de Igreja e que **Testemunho** de VR transmitimos aos nossos alunos, considerando serem tão poucas as vocações surgidas em nossas escolas?

10. Qual a finalidade da VR: "fazer" algo "para fora", trabalhar e produzir, ou ter uma **"vivência capaz de transbordar para fora"**?

11. Em todo os Seminários apareceram ressaltados os aspectos referentes às obras, numa perspectiva

de organização e planejamento e, portanto no nível de uma melhoria educativo-pastoral. Não apareceu claro, entretanto, o Ser Religioso, dificuldade comum de perceber o fato evidenciado e comprovado pela enfoque profético e carismático próprio da Vida Religiosa na Igreja. Qualquer um pode substituir o Religioso **no fazer profissional**", mesmo no fazer pastoral. Entretanto, a missão não é um **fazer**, através de obras ou atividades, mas é um **agir**, e este é uma **"presença significativa"** e não um simples fazer profissional, mesmo que seja evangelizador.

12. É possível um projeto de Vida Religiosa evangelizadora em linha profética, num colégio de porte empresarial? Nesta mesma perspectiva, como alterar a imagem do **"religioso empresarial"** na Escola? E, ainda, será possível a libertação do Pobre através da educação da classe alta?

13. Como criar **angústia positiva** nos Religiosos satisfeitos com os resultados que obtêm e nos Religiosos satisfeitos com tudo?

4. AS LUZES DA CAMINHADA

Por "luzes da caminhada" queremos entender os aspectos básicos do Projeto de Vida Religiosa no Campo da Educação, que emergiram dos Seminários, a partir dos participantes. Tais aspectos constituíram os **TEMAS A APROFUNDAR**, levando-se em conta quatro enfoques: teológico-espiritual, sociológico, pedagógico-educacional e pastoral.

Esses temas foram deduzidos das experiências apresentadas em rela-

ção à Evangelização como Missão do Religioso na Escola; "animação do setor da educação formal de uma Província a partir do Ser Religioso"; "Missão do Religioso no atual contexto histórico e eclesial"; "A Animação de GREs Regionais".

Transcreveremos aqui os temas escolhidos ou aprofundados pelos participantes com a ajuda de assessores:

Primeiro Seminário (1979)

— O modelo econômico brasileiro, reflexo das economias internacionais vigentes;

— A Educação no contexto brasileiro de hoje;

— A Vida Religiosa hoje, na Igreja e no campo da Educação;

— A Vida Religiosa hoje e no futuro.

Segundo Seminário (1981)

— Princípios teológico-espirituais, sociológicos e pedagógico-pastorais para analisar experiências sobre a Evangelização como missão do Religioso na Escola.

Terceiro Seminário (1982)

— Opção pelos pobres na Educação Formal;

— O Religioso na Escola: sua identidade e sua posição na sociedade e na Igreja de hoje;

— Consciência política do Religioso, na Educação Formal;

— A animação do setor de Educação Formal a partir do ser Religioso.

Quinto Seminário (1984)

— A identidade do Religioso Educador na Sociedade e na Igreja da América Latina.

— A Formação da consciência crítica e transformadora frente à realidade da América Latina.

— Pastoral Educativa na Comunhão e Participação.

— A busca profissional de uma nova estrutura educativa evangelizadora.

Quinto Seminário (1984)

— Princípios básicos do Projeto de Vida Religiosa no campo da Educação;

— Marco específico do processo de animação de um GRE Regional: Que é um processo de animação? Que papel este processo desempenha na Vida Religiosa? Fundamentação do Processo de animação de um GRE: No Plano de Deus. A partir da Teologia da Vida Religiosa. O processo de animação de um GRE e suas etapas. Os agentes internos e externos do processo de animação de um GRE Regional.

Esses temas formam um quadro iluminativo do Projeto de Vida Religiosa no campo da Educação, hoje. Para a animação desse projeto destacamos alguns **PONTOS CONVERGENTES**:

a) **A ótica dos Pobres.** Os Pobres nos evangelizam. A Vida Religiosa se vê obrigada a se questionar e a se transformar diante das exigências dos Pobres. Se a Vida Religiosa não

se abrir a esta transformação, está condenada à morte. Esta nova postura exigirá lucidez e coragem para enfrentar os problemas que emergirão como decorrência de sua renovação. A educação só terá sentido se formos, de fato, evangelizadores.

b) **O lugar que a Vida Religiosa ocupa na Igreja.** Os religiosos não fazem parte da Hierarquia. Torna-se necessário e urgente compreender e pensar a Vida Religiosa a partir dos problemas e angústias reais do Povo de Deus. Neste sentido e a partir de seu testemunho a Vida Religiosa se justifica e se compreende na Comunidade Eclesial. Se na Comunidade Eclesial a força do Espírito nos desloca para o Povo, é aí que a Vida Religiosa deve encontrar o seu verdadeiro sentido. Tal atitude exige muita coragem dos Religiosos.

c) **O lugar que a Vida Religiosa ocupa na Sociedade.** A Sociedade nos identificava a partir do que fazíamos (área de saúde, escola, etc...). Chegava até a delimitar nosso campo de ação. Nossa força contestatória se anulava porque os nossos serviços eram remunerados pela Sociedade, e esta se dava o direito de se impor. Hoje, estes serviços estão sendo assumidos pelo Estado deixando na inutilidade, enquanto religiosos, os que se redefinirem. Torna-se urgente redescobrirmos o nosso lugar na Sociedade.

a) **A primazia do Ser e Missão sobre as estruturas e obras.** A Vida Religiosa sofre, em relação ao Ser em Missão, o impacto das estruturas e obras que esmagam a sua ca-

pacidade significativa, e aniquilam a força do carisma da Vida Religiosa na Igreja bem como nas Congregações. Torna-se necessário que o

testemunho dos religiosos prevaleça sobre a eficiência, e que supere a "concupiscência das Instituições", capazes de abafar o Carisma.

5. PROPOSTA DE NOVOS PASSOS NA CAMINHADA

A proposta de novos passos da caminhada constitui as "**perspectivas de ação**" para concretizar de verdade o Projeto de Vida Religiosa no Campo da educação. São "**reestruturações**", exigidas pela situação interna atual da Vida Religiosa no campo da educação, e pelos apelos do Povo, da Igreja e do Carisma Congregacional. Destacamos aqui algumas das reestruturações surgidas da reflexão feita nos diversos Seminários.

5.1. Acentuar a dinâmica da **conversão pessoal**, situada no contexto comunitário, provincial, eclesial e social, visto que a pessoa convertida, sem esse contexto, seria como o fermento que morre fora da massa.

Para esta conversão, importa a mudança de lugar social e não somente de lugar geográfico. Isto só acontecerá se a pessoa se inserir junto ao povo, se se deixar julgar e interpelar pela suspeita com relação às várias ideologias e ambigüidades advindas de um contexto de classe privilegiada. O mesmo deverá fazer com relação aos discursos incoerentes com a prática concreta e sem mudança de mentalidade. É preciso que a pessoa se deixe evangelizar e, diríamos mesmo, "**se faça evangelizar**" por tudo isso, passando de simples observante, executor de rotinas, para a dinâmica de uma conversão permanente.

De fato, nesse contexto, podemos dizer: "**O observante permanece; mas só o convertido persevera**". Nessa perspectiva, será fundamental que cada religioso tenha seu "**PROJETO PESSOAL DE VIDA**", iluminado por um exigente Projeto de Vida Religiosa hoje, à luz do Carisma Congregacional.

5.2. Assumir corajosamente os riscos de um **Projeto renovador da Vida Comunitária** a partir do Ser Religioso, como resposta às angústias e esperanças do povo, e às exigências do Carisma Congregacional. Os grandes núcleos a serem assumidos e integrados são: prioridade da Missão sobre as obras e atividades; o enfoque profético da Vida Religiosa; o valor do Testemunho, i.é, da linguagem não verbal, e a ambigüidade do discurso sem a prática; o lugar do Religioso na Igreja e na Sociedade nos dias de hoje; o Carisma Congregacional; a revisão séria do currículo a partir da ótica dos empobrecidos.

5.3. Definir, em cada Província Religiosa, um **Projeto Evangelizador**, em resposta aos apelos da realidade atual brasileira e eclesial, à luz do Carisma e da Missão. Tal definição precisará ser, ao mesmo tempo, eficiente e eficaz. **Eficiente**, porque fundamentada num enfoque científico, através de planejamento que abarque um discernimento lúcido da atual situação da Província,

uma reflexão profunda sobre o que seja ser hoje Religioso à luz do Carisma Congregacional, e um plano de ação concreta e factível como resposta à situação existente. E será também eficaz, isto é, que realmente envolva as pessoas num processo de comunhão e participação.

5.4. Animar as Províncias através da criação de GREs em cada Regional da CRB, envolvendo todos os Religiosos no processo. Para isso é necessário renovar o **modelo de animação da Vida Religiosa**. Pode-se conceber a animação como meio de conservar as obras existentes, ou como promoção da fidelidade ao Carisma da Congregação e das pessoas, com atenção aos "sinais dos tempos". A animação deve estar imbuída de consciência eclesial. O desafio é alcançar um tipo de animação local, provincial e regional que impulsione a renovação como resposta aos apelos de toda a Igreja.

5.5. É promissora a perspectiva da **união de forças da CRB, AEC e CNBB** em torno de linhas de ação no campo da educação. Em todos

os Seminários, houve pedidos e sugestões neste sentido. São motivos de esperança o apoio a movimentos populares, a promoção da Educação Popular, os Encontros dos Coordenadores do setor de Educação das Províncias Religiosas, os núcleos diocesanos da CRB e AEC, e os Departamentos de Educação dos diversos Regionais da CNBB.

Todo esse conjunto de passos, percepções, luzes e perspectivas de ação do Projeto de Vida Religiosa no campo da Educação, constituem um apelo a nível de governo. Governo entendido como **animação** que vai além da simples administração.

É o tema que nós da Equipe do GRE pretendemos aprofundar e publicar no próximo número de "CONVERGÊNCIA".

Ir. Maria José Teixeira, scm

Ir. Joaquim Panini, fms

Ir. Virma Barion, cv

Pe. Paulo Englert, sj

Ir. Neil Pimentel, fc

Pe. Lauro Palú, cm

Ir. Maria Vilani R. de Oliveira, fllic

NOTAS

- (1) Os Religiosos na Realidade Nacional e Eclesial do Brasil, Coleção Vida Religiosa e Realidade, nº 3, CRB/1977.
(2) XI Assembléia Geral Ordinária, 1977, Sétima Proposição. (3) XII Assembléia Geral Ordinária, 1980, Proposição sobre juventude. (4) XIII Assembléia

- Geral Ordinária, 1983, 19ª Proposição. (5) Ata da Reunião do GRE, abril de 1981. (6) Relatório de Atividades: 1980-1983. CRB Nacional, pág. 30. (7) Ata da Reunião do GRE, abril de 1981. (8) Revista de Educação da AEC, 1981, nº 40, págs. 3-20: Educação Popular e Educação Escolar, confronto e articulação.

UMA PEDAGOGIA EVANGELIZADORA PARA A AMÉRICA LATINA

Evangelizar é proclamar a Palavra do Senhor e ajudar a conversão interior, progressiva e dinâmica, das pessoas, dos ambientes e das culturas.

Pe. Antonio González Dorado, SJ
Equipe Teólogos da CLAR

Pedagogia evangelizadora é uma expressão recente, que nasce de uma Igreja que começa a tomar consciência explícita e plena de que, “evangelizar constitui, com efeito, o quinhão e a vocação própria da Igreja, sua identidade mais profunda”. A Igreja existe para evangelizar e há de realizar a evangelização, identificada com Jesus, o Cristo Mestre, mediante uma pedagogia que seja evangélica e com capacidade evangelizadora.

O tema foi tratado com particular interesse pela III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, reunida em Puebla, em janeiro-fevereiro de 1979, reafirmando, numa nova dimensão, a importância da educação nas atuais circunstâncias da América Latina, e promovendo a elaboração de uma “original doutrina ou teoria educativa cristã, baseada no ensino da Igreja e na experiência pastoral”, que sirva de referência para compor um projeto educativo-cristão a nível nacional ou continental. A este novo sistema

educacional ou pedagógico, que a Igreja busca na originalidade de sua própria identidade e missão, e atendendo às atuais circunstâncias da América Latina, deu-lhe o nome sugestivo de educação ou pedagogia evangelizadora. Pessoalmente, para evitar a tentação dos essencialismos, prefiro denominá-la, como aparece no título deste artigo, de pedagogia evangelizadora para a América Latina, para mostrar que este sistema pedagógico evangelizador, há de se achar enraizado na própria cultura latino-americana e aberto aos graves problemas que afetam o Continente.

Pretendo, com as reflexões que seguem, trazer modesta colaboração ao apelo de nossa Igreja, e ao gigantesco esforço de renovação que exige o setor educacional e pedagógico da América Latina; entendo a pedagogia — em geral — como o esforço que toda a comunidade realiza para a formação de seus membros, especialmente nas primeiras etapas da vida, para que consigam tornar-se “pessoas humanas, em vista ao seu

fim último e ao bem das sociedades, das quais o homem é membro e em cujas responsabilidades tomará parte, uma vez atingida a idade adulta”.

Por esta razão, no desenvolvimento de minhas reflexões, parto de uma visão global da situação e perspectivas do Continente, e da funcionalidade específica que corresponde

à Igreja neste histórico processo. Só então abordo diretamente o tema das características de uma pedagogia evangelizadora para a América Latina, e alguns dos desafios mais importantes que devemos afrontar no campo da educação, a partir da situação e circunstâncias em que, atualmente, nos encontramos.

I. PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA AMÉRICA LATINA

O Continente Latino-americano, surge aos olhos pasmos do mundo, como um doloroso e esperançoso despertar, num dos momentos mais privilegiados de seu processo histórico, com a possibilidade de gerar-se e descobrir-se a si mesmo como um “novo mundo”.

Fatores de mudança

Três são, entre outros, os fatores determinantes desse despertar que prenuncia profundas mudanças na América Latina.

O primeiro é o desenvolvimento técnico alcançado pela humanidade em todos os campos, durante o presente século, e a progressiva generalização deste novo instrumento técnico que, com certa facilidade e rapidez, se torna presente em todas as nações e países. A América Latina sente-se desafiada por estas novas possibilidades do homem, preche de riquezas naturais, que só esperam, mediante a aplicação das novas técnicas, desenvolver todo seu potencial, ser canalizadas e transformadas, para responder, como “provida mater”, às necessidades e exigências da população. Testemunho destas novas possibilidades,

temo-lo, atualmente, no Paraguai com os empreendimentos de Itaipu e Yaciretá, que pretendem transformar as águas do Paraná num dos centros mais importantes do mundo em produção de energia elétrica.

O segundo fator é fornecido pelas inéditas possibilidades da nossa população, numerosa e jovem. A atual população latino-americana gira em torno de 220 milhões de habitantes; calcula-se que passará a 500 milhões no ano 2000, o que significa um aumento superior a 100% no decurso de vinte anos. E não podemos esquecer a extraordinária importância da juventude na pirâmide das idades do Continente, como em nosso caso do Paraguai, onde os menores de 15 anos, segundo o censo de 1977, constituem 50% do total do país.

O terceiro fator é o surgimento de uma nova consciência coletiva no interior desta população jovem e demograficamente explosiva, igual à que determinou os processos de independência frente às metrópoles descobridoras. Trata-se de uma consciência que se encontra por toda a parte, e que avança como uma torrente cada vez mais impetuosa.

Expressa-se clara e concisamente no direito de auto-determinação latino-americana; no desejo de que a nova América Latina seja construída e transformada por seus próprios habitantes; na exigência responsável de participarem todos na marcha e na direção do processo e nos benefícios de seus resultados. É surpreendente descobrir a rapidez com que esta consciência vai se generalizando no povo. É uma consciência mais popular que elitista; mais orientada, em geral, a implementar as esperanças do futuro que a fomentar os ressentimentos do passado.

Um novo horizonte

Estes três fatores, logrando engranar-se harmoniosamente, iluminam o horizonte da América Latina.

A terra, os rios, o mar deste fabuloso Continente transformar-se-ão em mãe dos seus, bondosa e generosa — hierofanicamente interpretada na ancestral "Pacha Mama" — em ferramenta manejável pelo homem, oferecendo novas possibilidades de domínio sobre a natureza e desenvolvimento de sua própria criatividade. A técnica entrega ao homem latino-americano a possibilidade de dominar sua terra e de

modelar com ela novos produtos de fabricação especificamente humana.

Esta nova relação entre a natureza e o homem, implica também em novo tipo de relações entre os próprios homens, muito diferentes das tradicionais do mundo rural e campestre americano. As novas concentrações urbanas e o desenvolvimento do setor industrial, vão já marcando, e com frequência dolorosamente, este novo modo dos homens relacionarem-se e interpretarem-se entre si.

E, logicamente, esta mudança da relação do homem com a natureza e com os outros homens, há de levar também a uma mudança dos tradicionais esquemas religiosos — não necessariamente da fé — estabelecendo nova forma de interpretar a relação do homem latino-americano com Deus.

Quer dizer que os três novos fatores, que já fazem sentir sua presença na América Latina, nos patenteiam projetivamente o horizonte de uma autêntica revolução cultural no continente latino-americano, se é que por cultura entendemos "o modo particular como, num povo, os homens cultivam sua relação com a natureza, entre si mesmos e com Deus".

II. A IGREJA PERANTE A MUDANÇA CULTURAL

A mudança cultural na América Latina é inevitável e, ao menos sob certas perspectivas, pode-se saudá-la com esperança. Porém, são tantas as dificuldades para se prosseguir

num processo de autêntica superação, são tantos os interesses criados que tentam manipulá-lo em favor de benefícios particulares e egoístas, — quando não estrangeiros, —

que o risco de desembocar em nova cultura desumanizante, e mesmo caótica, não é fato impensável.

A Igreja também despertou, com a América Latina, do presente e do futuro de responsabilidades sobre o processo de mudança cultural do Continente, como magistralmente o demonstram suas orientações e compromissos assumidos em Medellín (1968) e em Puebla (1979). Ela se sente responsável ante a América Latina, "pelo presente e futuro da América Latina", de tal maneira que quer servir dentro do esquema da realização de sua missão própria, ao melhor porvir dos povos latino-americanos, à sua libertação e ao seu crescimento em todas as dimensões de vida.

Não seria admissível outra atitude da Igreja. A história da América Latina, desde o momento do encontro dos povos, se acha envolvida com a história da Igreja latino-americana, e, "com deficiências, e apesar do pecado sempre presente, a fé da Igreja chegou à alma da América Latina, assinalando sua identidade histórica essencial e constituindo-se em matriz cultural do Continente da qual nasceram os novos povos". Esta identidade se encontra muito luminosamente simbolizada no rosto mestiço de Maria de Guadalupe que aparece no início da evangelização.

Com base na especificidade de sua missão evangelizadora, a Igreja latino-americana definiu com clareza sua tarefa durante estes anos e sua colaboração original no processo de mudança: "A ação evangelizadora de nossa Igreja latino-americana há de ter como meta geral, a

contínua renovação e transformação evangélica de nossa cultura. Quer dizer, a penetração pelo Evangelho, dos valores e critérios que a inspiram, a conversão dos homens que vivem segundo estes valores e as mudanças que, para serem mais plenamente humanas, requerem estruturas nas quais possam viver e se manifestar".

A Igreja, para cumprir este compromisso de colaboração evangelizadora na mudança cultural do Continente, há de assumir, com sentido evangélico, os fatores desencadeantes e dinamizadores do fenômeno: há de iluminar com um Cristo-Ômega, o horizonte para o qual deve orientar-se este processo, interpretado como libertação total do Continente; há de atender especialmente às dificuldades e problemas que tendem a viciar e desviar a dinâmica do processo, desvios que teriam como conseqüência o surgimento de uma cultura dominada pelo pecado.

Assimilação evangélica dos fatores de mudança

Frente às novas possibilidades técnicas, Puebla convida os "cientistas, técnicos e forjadores da sociedade tecnológica, para que impulsio-nem o espírito científico com amor à verdade, a fim de investigar os enigmas do universo e dominar a terra". Há de ser, porém, uma técnica inteiramente assimilada pelo próprio homem latino-americano, para que seja dono de sua própria técnica, e não haja o perigo de ser transformado numa peça a mais no instrumental dirigido e manipulado por outros. Há de ser a assimilação

de uma técnica a serviço do homem, que permita dominar a terra; não, porém, uma técnica escravizadora do homem, e na qual o homem venha a perder o controle sobre seus próprios produtos.

A explosão demográfica do Continente, e os elevados percentuais de juventude, deverão ser aceitos pela Igreja com entusiasmo e esperança, mas também com profundo sentido de responsabilidade. O acelerado crescimento populacional, sem a dimensão evangélica, pode transformar-se num processo de massificação, no qual a multiplicação dos indivíduos, iniciada com o incremento da desvalorização da dignidade da pessoa humana, de tal maneira, que produza um processo inflacionário, no qual o homem — transmudado em moeda — seja cada vez menos valorizado pelos “mercenários” da nova sociedade. Isto exige, por parte da Igreja, uma implementação imediata de qualificada e extensa rede de evangelização que, com a palavra de Deus, mostre a dignidade e os direitos do homem; ao mesmo tempo, colabore na promoção dos serviços necessários para que os homens se conscientizem de sua dignidade de filhos de Deus e se preparem para proceder de acordo com as exigências postuladas por sua própria dignidade humana.

Enfim, o nascimento de nova consciência coletiva e popular no Continente, deve ser interpretada como momento de crescimento humano que há de ser favorecido e fomentado. Uma consciência coletiva da própria vocação e missão do Continente; da dignidade e valor das pessoas, grupos e povos que o

constituem; de suas capacidades, responsabilidades e direitos, é o fator mais importante para afastar o perigo da massificação, para agrupar os homens comunitariamente, numa empresa comum, dispostos a aceitar livremente qualquer espécie de sacrifícios. Esta consciência assumida pela Igreja há de receber, desde o princípio, importante serviço e colaboração específicos da mesma Igreja: sua purificação, fortalecimento, aprofundamento e orientação no espírito das Bem-aventuranças, cuja realização vital e exemplar se encontra na pessoa de Jesus Cristo.

A utopia latino-americana a partir do Evangelho

Se a Igreja deve assimilar os novos fatores que provocam mudança na América Latina, e prestar-lhe o serviço da evangelização que os purifique e dinamize com profundo sentido cristão, deve também colaborar na evangelização da utopia latino-americana, uma vez que ela será o horizonte dinâmico que há de orientar e unificar os fatores de mudança e fixar a direção que tomará o processo.

A utopia nos apresenta uma América Latina humana e organicamente integrada; responsável e dona de si mesma; com capacidade de desenvolver e desdobrar harmonicamente todo seu potencial natural e humano; defensora e promotora da dignidade humana e do direito de todos os seus habitantes e de todos os seus povos; servidora e não dominadora dos outros Continentes; promovendo, com espírito evangélico, a comunhão planetária.

A caminhada em direção a esta utopia deve ser autóctone e autônoma — como todo movimento autenticamente vital e humano —, quer dizer, realizado no interior do próprio homem latino-americano que inicia o caminho com todas as dificuldades do presente, mas trazendo os valores de sua cultura e de sua fé, e o dinamismo que nasce do ideal de um horizonte próprio e pessoal. Mas esta marcha não pode ser dirigida de fora, nem viciada por interesses estrangeiros, nem utilizada para benefícios estranhos. Deve, sim, ser ajudada, permitindo que o próprio homem latino-americano canalize esta ajuda para seu dinamismo vital.

Há de ser uma marcha responsável e generosa, na qual progressivamente se sintam integrados todos os homens do Continente, e da qual há de participar a Igreja, animando e orientando com sua palavra evangélica. Palavra que convida ao perdão entre os irmãos, ao esquecimento de velhos ressentimentos. Palavra que promova relações de justiça, de ajuda, misericórdia, fraternidade e amizade entre os que se acham comprometidos no mesmo processo. Palavra que convida a crer nos homens e na liberdade dos homens, quando estes se sentem mobilizados, não por receio de castigo, mas pela comunhão num empreendimento e num ideal comum.

A Igreja sonha com a marcha para a utopia, que sem dúvida, será dolorosa e difícil, porém tão profundamente humana e animada pela fé e pelo Evangelho que, aberta à legítima pluralidade das crenças,

permita liberar, na terra latino-americana, a imagem e a realidade de um Cristo Ressuscitado, esperança e símbolo do despertar da América Latina. Neste sentido, num pequeno povoado do Paraguai, que traz o nome de Santa Maria da Fé, nas dependências de antiga casa reducional de indígenas, está sendo terminada uma capela da Ressurreição, com a imagem de Cristo Ressuscitado, acompanhado de maravilhosa escultura de São Miguel vencendo os demônios, e outra de São Rafael, oferecendo a cura. São esculturas de fabricação americana do século XVII, lavradas conjuntamente por mãos indígenas e européias que, unidas no mesmo empenho cristão, fundavam a América Latina na Fé de Santa Maria e na orientação com esperança na utopia da ressurreição de Jesus Cristo em nosso Continente.

Dificuldades para mudança em vista à utopia cristã

A integração de uma marcha de tal natureza, em direção à utopia evangélica latino-americana, é tão difícil que, em si mesma, pode parecer utópica nas atuais circunstâncias. Mas o Senhor disse: “Tudo é possível para quem tem fé” (Mc 9,22).

Existem dificuldades reais e profundas que a Igreja latino-americana, baseada em sua função estritamente evangelizadora e em sua atitude de clara colaboração com o grande projeto latino-americano, pretende ir esclarecendo na medida de suas possibilidades, função que vem realizando com especial cuidado nestes últimos anos.

Há dificuldades cujas bases se encontram fora da América Latina. São interesses exteriores e egoístas que procuram manipular o processo de desenvolvimento do Continente em seu próprio benefício, estabelecendo dependência dominadora e parasitária, em lugar de relações de fraternidade e serviço. Nesta linha se encontram certas inversões de capital e 'ajudas técnicas'; campanhas antinatalistas; correntes ideológicas estrangeiras, que sub-repticiamente buscam deslocar os centros de direção e controle para fora da América Latina e, ao mesmo tempo, negam a capacidade de originalidade de pensamento válido latino-americano. Estes movimentos externos intentam subornar, com certos benefícios e privilégios, as reduzidas minorias que renunciam à própria vocação latino-americana, e dificultam os grandes projetos nacionais e continental. A história da América Latina é pródiga desta experiência, sobre a qual atualmente deve refletir, consciente de suas próprias possibilidades internas de superação, no concerto das nações. Não é fácil para o Continente vencer estas dificuldades. Segundo um historiador moderno, Paraguai foi o primeiro e doloroso exemplo disto. A decisão deste povo, após a independência, de conquistar autonomamente seu próprio desenvolvimento interno e em favor de todos os setores sociais, foi a causa profunda da guerra da Tríplice Aliança que horroriza a humanidade pelo genocídio que cometeu contra um povo, cujo único delito consistiu em afirmar sua própria personalidade e capacidade de desenvolvimento coletivo e autônomo.

Este grande projeto latino-americano, e seu processo, encontra também dificuldades endógenas ao próprio Continente. A Igreja destacou entre elas a situação permanente de grandes injustiças sociais em muitas nações, de tal maneira que "do seio de diversos países do Continente está subindo ao céu um clamor cada vez mais tumultuoso e impressionante. É o grito de um povo que sofre e que pede justiça, liberdade, respeito aos direitos fundamentais do homem e dos povos". É um clamor que, "no momento, é nítido, crescente, impetuoso e, em certas ocasiões, ameaçador." E é evidente que, só mediante a promoção da justiça para todos, e do respeito à dignidade do homem, se pode arquitetar uma autêntica convivência pacífica, que permita aos latino-americanos reunir-se fraternalmente na empresa de um projeto comum. Enquanto essa situação de justa, digna e humana convivência não se realizar nos diversos países, o Continente tende a debilitar-se progressivamente, perdendo suas energias em conflitos domésticos entre os vários setores sociais, em viciosa espiral de violência que se repete ciclicamente e que, com freqüência, se nutre de alianças e compromissos estrangeiros que hipotecam indefinidamente o futuro da América Latina. Por esta razão, "a consciência evangelizadora da Igreja levou-a a publicar, nestes últimos dez anos, numerosos documentos pastorais sobre a justiça social", e grande parte de sua atividade orientou-se para a promoção da justiça.

Outra dificuldade interna para o processo de desenvolvimento e li-

bertação do Continente é a insuficiência de seu próprio aparelho educacional e pedagógico. Com efeito, o serviço educacional é proporcionalmente insuficiente em relação à numerosa e crescente juventude e ao aumento de demanda que se nota em todos os setores e níveis, devido a uma maior consciência da necessidade de formação sistematizada e adequada às exigências de uma nova cultura e de uma nova sociedade. Em geral, é também muito deficiente quanto ao nível médio de preparação técnica, que oferece, na assimilação dos novos sistemas pedagógicos e na orientação original do próprio sistema que deve ser nitidamente latino-americano, isto é, enraizado e gerado na cultura latino-americana e aberto às necessidades

e ao projeto da América Latina. A Igreja está consciente de que este não é problema de fácil solução, mas devido à sua importância e transcendência, exige esforço prioritário. É urgente que se canalizem para este setor os melhores recursos econômicos e humanos de que se dispõe. E a mesma Igreja, em seu empenho de colaboração, sente-se comprometida, tanto na extensão progressiva de sua própria rede educacional — dirigindo-a preferentemente para os setores mais pobres e necessitados —, como na elaboração de novo sistema pedagógico que responda às exigências do momento e às necessidades, projeto que chamou de educação evangelizadora para a América Latina.

III. UMA PEDAGOGIA EVANGELIZADORA PARA UM PROCESSO PRIVILEGIADO DA AMÉRICA LATINA

A Igreja tem responsabilidade ineludível na elaboração e sistematização de seu próprio e original sistema pedagógico, dada a sua essencial missão evangelizadora. Evangelizar é proclamar a Palavra do Senhor e ajudar a conversão interior, progressiva e dinâmica, das pessoas, dos ambientes e culturas. A colaboração neste processo de conversão é o que podemos denominar, em sentido amplo, de pedagogia evangelizadora. Quando esta colaboração se orienta especificamente à juventude, antes de alcançar a etapa própria da idade adulta nos encontramos com uma pedagogia evangelizadora no seu sentido etimológico mais adequado.

A pedagogia evangelizadora há de manter simultaneamente duas fide-

dades: a fidelidade à mensagem e a fidelidade ao homem e à cultura na qual opera, com a esperança de conseguir um homem e uma cultura mais evangelizados e evangelizadores. Só desta maneira a Igreja mantém e aumenta a fidelidade fundamental à missão que Jesus Cristo lhe entregou, definindo ao mesmo tempo sua identidade própria e característica.

Por este motivo, a Igreja latino-americana há de montar sua pedagogia, visando o homem e a cultura da América Latina; atendendo ao presente e ao futuro; integrando-a no contexto da utopia e das dificuldades reais do Continente; e procurando fazer com que o processo pedagógico, em que mergulham, seja apto a capacitá-los à incorporação

cristã e adulta no complexo processo de mudança cultural ao qual se encontra submetida a América Latina.

Pensamos que uma pedagogia evangelizadora latino-americana há de integrar organicamente as seguintes duplas polares: capacidade técnica e humanismo; abertura planetária e autoctonia latino-americana; cultura nova e em processo de transformação, e fidelidade dinâmica ao cristianismo. Estas duplas polares não só nos conteúdos que se transmitem à juventude, mas principalmente inspirando a totalidade do sistema pedagógico que a Igreja defende e apresenta à juventude e à totalidade do Continente.

Devido às limitações do presente artigo, só posso oferecer alguns trechos das notas, que a meu ver, deveriam caracterizar a pedagogia evangelizadora latino-americana.

Interesse pela formação técnica

Uma pedagogia evangelizadora integral, principalmente nos centros e escolas de educação da juventude, deverá assimilar e oferecer com decisão, as possibilidades de formação técnica profunda e ser capaz de responder aos desafios que, neste campo, apresenta a sociedade do futuro.

A capacidade e o desenvolvimento técnico, em seu mais nobre sentido, é o incremento da capacidade do homem para dominar e controlar as forças da natureza e dos próprios fenômenos que ele desencadeia, potenciando sua vocação criadora, diretora e ordenadora do universo pa-

ra que este, com docilidade, se põe a serviço do homem.

No mundo atual, um país ou Continente, cujos homens não caminhem para uma capacitação técnica autônoma e criadora, está condenado à dependência infantil, que deságua em contínuas frustrações e conflitos internos, ao mesmo tempo que se acha exposto à depredação sistemática de suas riquezas naturais e do esforço de seu trabalho. Os grandes países, tecnicamente desenvolvidos, tendem a constituir-se em impérios faraônicos, que através de diferentes artimanhas procuram limitar a capacidade interna de outros países, pelo menos em determinado nível, obrigando seus habitantes a se tornarem meras peças e instrumentos da grande máquina montada em seu próprio benefício. Hoje a libertação externa de um Continente está em grande parte condicionada a este esforço de superação no terreno da técnica e de seus diferentes setores. A América Latina dispõe de grandes riquezas naturais e de homens, por isso deve acelerar, como exigência ética, o desenvolvimento interno de sua própria formação técnica.

Predomínio de uma formação humana personalizante e comunitária

Entretanto uma pedagogia técnica e tecnificada há de ser internamente evangelizada, pois deve-se afastar o perigo da tecnocracia, em toda gama de suas manifestações possíveis. A evangelização interna da formação tecnológica, chama-se, em primeira instância, de pedagogia

humanista, na qual o homem se descobre e se entende como valor supremo da imanência. Cumpre-se aqui a palavra de Jesus: "O homem não foi feito para o sábado, mas o sábado para o homem" (Mc 2,27).

Trata-se de uma pedagogia que deve ajudar a descobrir, em primeiro lugar, a dignidade da pessoa humana, dignidade intimamente ligada à natureza do homem responsável e livre, e que há de gerar nos educandos profundo respeito ativo frente à comunidade humana, frente a cada homem e frente a si mesmo.

Descobrir a dignidade humana de todo grupo humano e de todo o homem é aceitar que o homem tenha o direito intrínseco de ser o protagonista responsável e consciente de sua própria história; e que é essencialmente imoral a manipulação que reduz ou constrange os homens a serem meros instrumentos a serviço de poucos. É reconhecer que o homem é dono e beneficiário do progresso coletivo e da comunidade. É aceitar que todo o desenvolvimento ou progresso, em suas possibilidades de afirmar-se, há de estar subordinado ao ser homem e ao crescimento do ser humano do homem. É reconhecer com alegria que, a partir da dinâmica do amor, o homem é vocação de serviço, de ajuda e colaboração aos demais.

Esta descoberta progressiva da dignidade humana acabará gerando nos educandos profundo respeito ativo frente aos demais que, na medida em que for aceito e desenvolvido pelo próprio educando, será o caminho mais rápido para consolidar sua própria dignidade, com as exigên-

cias que esta implica, de serviço, colaboração, justiça, compromisso e amor ao conjunto da sociedade e a cada pessoa humana em particular. O desenvolvimento vital de respeito ativo às pessoas é princípio dinâmico que termina com os meros direitos formais para transformá-los em direitos reais: e é a força que urge o homem a aceitar a própria vocação revertendo-a em compromisso de missão.

Uma pedagogia humanista, no sentido apresentado, abre as possibilidades de uma América Latina tecnificada e simultaneamente humana.

Pedagogia de cunho latino-americano

Uma pedagogia que pretenda ser autenticamente humanista, efetiva e comprometida, deverá ser pedagogia situada e, por conseguinte, em nosso caso, pedagogia original e especificamente latino-americana.

Trata-se de pedagogia orientada e impregnada pela história pretérita e pela utopia futura da América Latina. Há de assimilar e de ser fiel ao precipitado presente da cultura latino-americana, na qual as crianças nascem e com a qual constroem sua própria identidade. Há de ter em conta, com sentido realista, as possibilidades e dificuldades de uma geração; há de estar cheia de fé, esperança e amor para com sua própria terra e história, sua maneira de ser, seus homens e cultura; há de reconhecer, com pesar, seus próprios pecados, enquanto toma impulso e esperança de superação; há de orien-

tar-se pela mística do serviço a todo o povo latino-americano, preferentemente aos mais pobres e necessitados; e há de estar conscientizada da capacidade de serviço que a América Latina pode e deve prestar ao resto da humanidade, num gesto fraterno e humano.

A América Latina tem a possibilidade de criar sua própria pedagogia, como soube criar sua inconfundível arte em tantos aspectos. Por isso, os Bispos latino-americanos, falam de uma educação evangelizadora que há de "integrar-se ao processo social latino-americano, impregnado por uma cultura radicalmente cristã", que, sem dúvida — por todo o contexto do documento de Puebla —, quer também dizer, uma cultura latino-americana.

Integração explícita da mensagem cristã

Não existe evangelização em seu sentido mais específico, sem o anúncio explícito do Mistério de Cristo, Morto e Ressuscitado, chamando à conversão todos os homens e todos os povos, e fundamentando a esperança da humanidade com a promessa de sua segunda vinda.

A América Latina, em sua imensa maioria, proclama-se Continente cristão e tem o direito de exigir, ao menos da Igreja e de seus centros educacionais, uma pedagogia que seja explicitamente evangélica e evangelizadora, que permita levar até as últimas conseqüências cristãs, as notas anteriormente propostas.

Uma pedagogia evangelizadora há de ter como centro, a pessoa de

Cristo e o Evangelho, de tal modo que Ele apareça no mistério da fé, como princípio e fim de todo o esforço humano; como o caminho, a verdade e a vida; como único Salvador e Libertador, como o único a emitir um juízo definitivo sobre a humanidade e a história.

Esta missão transcendente e última de Cristo — que espontaneamente se entrosa com o sentido de piedade religiosa que caracteriza o povo latino-americano — é, em definitivo, a que possibilita uma autêntica e integral pedagogia evangelizadora. Com esta perspectiva, a pedagogia evangelizadora primordialmente pretende tornar-se um serviço à fé cristã do povo latino-americano, sabendo que, no aprofundamento e compromisso com esta fé, se encontra toda a esperança e dinamismo para uma libertação plena e evangélica.

A incorporação da fé explícita e dinâmica em Cristo, característica desta pedagogia, conduz à iniciação em três setores fundamentais: descobrimento e aceitação da Igreja; desenvolvimento do sentido crítico e evangélico da cultura e da realidade próprias.

A pedagogia evangelizadora necessariamente conduzirá seus educandos ao conhecimento da Igreja, a partir da experiência da própria comunidade educadora cristã. Há de patentear a Igreja como comunidade fraterna de crentes, congregados em volta da Eucaristia, com consciência de sua própria missão como Corpo de Cristo, pronto para qualquer sacrifício em vista da sal-

vação da América Latina e do mundo.

Logicamente, esta pedagogia, preta de Evangelho e orientada para a conversão, desenvolverá uma capacidade crítica frente à própria vida, a própria cultura, e sobre toda a realidade, onde "coexistem valores e anti-valores, luzes e sombras e, portanto, necessita ser continuamente evangelizada".

O objetivo mais difícil de uma educação evangelizadora talvez seja a aceitação e assimilação do dinamismo e do sistema característicos do Reino de Deus, como instrumento privilegiado, para uma mudança pela conversão. Isto supõe, partindo do Evangelho e da fé, uma revolução radical do próprio pensamento e de todos os sistemas de mudança que se apóiam, segundo a expressão de São Paulo, nos poderes deste mundo. O Evangelho definitivamente abandona e condena os sistemas que, inspirados na filosofia do pecado, põem sua confiança, para o melhoramento do mundo, na força destrutiva da morte e no vigor das leis que apenas escravizam os homens a projetos, até mesmo filantrópicos, porém impostos despoticamente por outros homens. O Evangelho revela seu próprio sistema de transformação, e com ele se identificam os homens comprometidos com o Reino de Deus. É um sistema que se move e expressa numa fé sem limites no poder salvífico e libertador do amor, da vida e liberdade. É um sistema que, respeitando as dimensões autônomas da rea-

lidade secular, reconhece a importância que têm os centros de poder econômico, científico e político; mas afirma que esses poderes não de estar subordinados ao poder do desprendimento, do serviço e do sacrifício, proclamando que o único poder capaz de salvar o mundo é o amor crucificado, já vivido por Jesus Cristo e confirmado por Deus Pai com o acontecimento da Ressurreição. O amor crucificado, como expressão limite do serviço e da entrega pela promoção integral de todos os homens é, simultaneamente, a expressão total da liberdade dos homens, que, baseados na fé, aceitam o projeto salvífico de Deus sobre a humanidade. Este sistema do Reino de Deus contempla a realidade a partir dos pobres, dos marginalizados, dos explorados, porém com visão esperançosa e purificada pela luz do Evangelho, que é o modo de ver de Deus. É um sistema que dá origem a uma raça nova de homens que se chamam e são cristãos, que promovem com sua vida e suas palavras a adesão de muitos homens de boa vontade a Jesus Cristo e ao Evangelho. São cristãos que vivem e pregam "um Messias crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os pagãos. Para os eleitos, judeus e gregos, porém, Cristo é o poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus mais forte do que os homens" (1 Cor 1, 23-25). Este é o caminho dos construtores da paz que merecem a ventura de serem chamados Filhos de Deus (Mt 5.9).

A PALAVRA DE DEUS NA CAMINHADA DO POVO

*Se nosso coração nos condena,
Deus é maior do que nosso coração
e conhece tudo, 1 Jo 3, 20.*

Irmã Ana Roy

Utinga, BA

A noite tranqüila já havia encoberto o Sertão. Na casinha, uns homens sentados no único banco, e duas mulheres acocoradas num cantinho da sala assuntavam sobre a seca. O clarão trêmulo do candieiro iluminava suficientemente os rostos para se perceber uma angústia pesada, numa indagação silenciosa e sofrida.

É então que Vilebaldo tomou a palavra e contou: "Abri a Bíblia com sede da Justiça de Deus... E entendi tudo que Deus pede à gente. É fácil entender, mas muitas vezes a gente não quer mesmo. Senti o peso das minhas fraquezas. Então me voltei para a misericórdia de Deus para fazer a sua vontade... Pois a vontade de Deus terá sempre que ser feita. A Palavra de Deus nos mostra o caminho certo."

Nota da Autora:

As reflexões que se seguem dizem respeito à caminhada do povo do interior, no meio rural.

Colhe-se aqui uma amostra, ou melhor uma identificação da originalidade da caminhada religiosa do povo, com o dom do Espírito Santo, quando o pobre interpreta a Palavra no Livro aberto. Que chamada para os "estudados" da Palavra que "sabem" mas, não raro, armazenam seus conhecimentos nas gavetas cerebrais do entendimento! O discurso está certo, a convicção, porém, nem sempre brota do coração... e por isso não atinge.

Na penumbra da salinha, as palavras de Vilebaldo levaram a uma área de compreensão muito mais ampla do que a mera expressão da linguagem. Cairam com uma densidade apta a abalar qualquer construção intelectual. Abriram, no coração dos presentes, livre trânsito "àquilo que Deus pede à gente". Além do mais, respirou-se um ar de liberdade, de verdade que, na certa, atingiu a consciência de cada um. Afinal, um mestre de vida acabara de partilhar com seus irmãos uma grande mensagem, com a autoridade humilde e serva dos sábios autênti-

cos. Quanto a mim, naquela noite, uma luz se fez clara que nem sol: a minha abordagem da Palavra de Deus não devia ser a boa, havia muito que aprender na escola do Povo.

Como avaliar a qualidade humana e o alcance de fé desta colocação? Respeitando o contexto onde nasceu, e atentos para não interpretá-la a partir de outro lugar social, tentaremos humildemente analisá-la para aprender do povo a postura conveniente à leitura da Bíblia, para receber do pobre as atitudes fundamentais que vai vivenciando quando se dispõe a ouvir a Palavra, e apronta o seu coração para o alerta da resposta. Embora a intenção do Vilebaldo não fosse pregar nem instruir, a lição é de tal proveito para todos, que vale a pena nos determos sobre sua riqueza.

Três pontos me parecem constituir os alicerces desta síntese feliz que, numa primeira parte, iremos aprofundar: 1 — O Pobre aproxima-se da Palavra, com sede, e por isso, sacia-se. 2 — Ao contacto com a Palavra, o pobre se dá conta da sua fragilidade e por isso se volta confiante para o Deus da Misericórdia. 3 — Na humildade de um coração purificado, ele adquire a certeza absoluta que só a Palavra nos indica o caminho certo.

Disponibilidade, humildade, coragem e firmeza marcam o itinerário do povo rumo ao Deus dos humildes e dos Oprimidos, itinerário que passa pela realidade do ambiente. Assim a Palavra do Senhor, Amor e Compaixão, encontra, na base daquela receptividade, um modo pe-

culiar de se revelar, acompanhando os passos e os descompassos da caminhada do Povo.

“Abri a Bíblia com sede da Justiça de Deus”...

Não temos que realçar a singular solenidade de tal proposta! Apresenta-se como um cenário: neste pedaço de chão perdido na imensidade do sertão, a cortina cai e desvela o horizonte da transcendência de Deus. Faz-se necessário abrir nosso coração para que possa gotejar, bem fundo, cada membro da frase, na fluência harmoniosa que liga o gesto à sua finalidade, e na profundidade de fé que transpõe os confins restritos da linguagem para um além que lhe escapa. Aliás, a certeza de conseguir a graça de Deus caracteriza tanto o pobre, que, até certo ponto, se torna a sua definição.

Entre a Bíblia aberta e o desejo de encontrar a Justiça não há lugar para a dúvida, apenas uma sede ardente: “Todo meu ser deseja estar contigo e a minha alma tem sede de ti, como uma terra cansada, seca e sem água” Sal 62,1. Para o camponês, a sede não é metáfora mas sim uma realidade provada e costumeira. Cada manhã ele sai para a roça com duas companheiras do dia, a enxada e a cabaça. Se a água vier a faltar, internará então sua sede até voltar para casa. Sofrimento que se prolonga quando custa apagar-se o calor da tarde sem nada que possa resolver.

É essa experiência concreta e sofrida que o povo aplica na busca de Deus. Isso é muito significativo:

nenhum recurso intelectual, nenhuma mediação científica, mas apenas uma garganta sedenta e emudecida como a cacimba vazia aspirando a chuva. O povo aborda a Palavra de Deus a partir de uma atitude vivencial que nasce numa carência e logo se transforma em esperança. Aquele que é capaz de enfrentar o sol durante horas e horas sem beber água, pode falar de sede, e vive a mesma experiência quando anseia pela Palavra, como a ovelha pelo riacho.

É uma atitude que atinge o ser inteiro, brota do coração e liberta todas as energias de receptividade. Um certo tipo de vivência sedenta não pode faltar a quem quiser beber na Fonte da Palavra, do contrário nunca conhecerá os rios da Água da Vida a jorrar do coração de quem crê. O povo não aprendeu esta exigência nos livros, mas com base na sua experiência diária, e no-la comunica.

Aliás, a palavra longínqua do profeta Amós ressoa na declaração de Vilebaldo ou a de Videbaldo ecoa a declaração de Amós. Ambas são família. Nada de surpreendente já que a Palavra de Deus desposa a linguagem de cada época e cada cultura e lhe dá sentido. "Está chegando o tempo, diz o Senhor, em que farei vir à terra, não uma fome de pão, nem uma sede de água, mas fome e sede de ouvir a Palavra de Deus" (Amós 8,11). Esse tempo chegou mesmo no hoje de todos os tempos. Os pobres, de modo privilegiado, são aqueles que recebem este dom de Deus, e mantêm viva a sede da Palavra num mundo que dá ouvidos a tantas palavras ilusórias,

e bebe águas poluídas de "cisternas rachadas". Os pobres desalteram-se na verdadeira Fonte, e voltam a beber sem jamais saciar-se. "É tão bom ouvir a Palavra de Deus. A gente não cansa. Sempre há uma mensagem para nos dar força, aumentando a fé", contava Dona Reni.

De fato, o povo não cansa de ouvir a História da Salvação do povo hebreu, que espelha sua própria história. Então, entra na "inteligência das Escrituras", "entende tudo", como dizia Vilebaldo, numa compreensão das coisas que vão amadurecendo no seu dia a dia de trabalho. Para o homem do campo, perto da natureza, existe uma comunicação contínua, um vínculo orgânico entre sua realidade ambiental, lavoura, colheita, safra e a Palavra Daquele que dá chuva, sol e fartura "se quiser". Esta dependência é vivida numa confiança que nada altera, nem a seca nem as enchentes, pois "Só Deus sabe"...

Livre de "idéias" sobre Deus, o povo é livre também para acolher a vontade de Deus e cumpri-la. O entendimento popular se dá sempre numa abertura sem preconceitos, sem discussões e sem barreiras. Entre a limpeza da roça e a pureza de coração do roceiro há uma espécie de conivência: ambas aspiram pela água de Vida e, maior é a sede, mais saciante a Palavra, mais claro e plenificante o entendimento. Então, quando o pobre diz "entendi", na certa entendeu mesmo, com o grau de compreensão que lhe é próprio e original, isto é, uma compreensão prática que resulta em comportamento e atua nos momentos

mais decisivos e definitivos de sua vida.

Se o exegeta afirmasse: "Entendi tudo", sem dúvida estaria iludido, e sua avaliação se distanciaria muito da realidade. Nenhuma ciência pode esgotar as possibilidades do conhecimento humano, menos ainda o estudo científico da Palavra de Deus. A compreensão do povo não tem o mesmo ponto de partida. Do lugar do cientista, exegeta ou teólogo, nunca entendimento total e palavra se cobrem. Do lugar do pobre, a mesma afirmação soa com autenticidade indubitável, pois é baseada na capacidade de iluminar as atitudes e atos mais determinantes do seu caminhar.

Relevante é o fato de o lugar social do povo ser o mesmo em que a Bíblia foi escrita e vivida: o lugar do oprimido, do pequeno. Abrindo a Bíblia, o povo pisa num chão conhecido... A interpretação do pobre não é ciência mas sabedoria, caminho comprovado de conhecimento. Aquele que, em muitas áreas, está convencido da própria ignorância, deixa lugar à certeza de que as palavras sagradas de libertação, justiça, liberdade visam sua própria vida, e lhe trazem Boas Notícias, que ele acolhe e entende sem ambigüidades. Nem sempre, é verdade, se expressa esta certeza com tanta clareza, mas é fácil decifrá-la nas conversas do povo.

Quantas vezes, nos povoados, o pessoal identifica tal homem ou tal mulher a partir da sua compreensão das Escrituras Sagradas: "Seu Pedro é muito fraco, nem tem leitura, mas

nas coisas de Deus é muito entendido e conhece a Bíblia Sagrada toda." Todo mundo respeita. Esse tipo de pessoa inspira confiança, é consultada como os sábios antigos, e tem papel importante nas comunidades: o de porta-voz dos pedidos do povo junto "ao trono da Misericórdia", memória viva "dos grandes feitos de Deus para contar às gerações", como sinais permanentes a esclarecer nossas situações. Vilebaldo, sem dúvida pertence a esta raça que suscitava a admiração de Jesus.

"É fácil entender, mas..."

Ao contato da Palavra, o pobre se dá conta da própria fraqueza. Isto é um critério muito seguro de correta interpretação. A sabedoria dos humildes lhe dá a intuição exata dos valores, a medida equilibrada das coisas, o sentido das justas proporções sem fingimento. A vivência é quem educa a sentir certo. "É fácil entender, mas muitas vezes a gente não quer mesmo", dizia Vilebaldo. Nestas alturas, seu depoimento coincide com a experiência mais universal.

Isso significa que o povo descobre o sentido da Palavra não tanto na leitura como na sua vida diária, confrontada com as dificuldades. O coração humano permanece na frente de batalha onde se engaja o combate permanente entre o querer e o não querer. É crença geral e comprovada, de nada adianta se iludir e desenganar.

No entanto é verdade tão chocante que nem todo mundo pode assimilar. O pobre, porém, a reco-

nhece e assume, pois fala a partir da realidade concreta, e ignora a sutileza bem armada de quem fala sem querer dizer. Nisso, o povo é mestre que descortina a verdade. Contudo, aquela retidão não lhe dispensa o jeito com que tem de se livrar das palavras opressoras e alienantes que pesam sobre ele. O povo resiste à dominação dos grandes, através de um código próprio de "Sim Senhor" e "não Senhor" cujo significado é invertido! Responde "sim" quando pensa "não", e vice-versa. A inversão porém, entre o pensamento e a expressão, não cabe numa categoria moral de comportamento anti-evangélico. É uma dialética de aceitação e recusa a que dificilmente pode escapar. É a única maneira que tem de se identificar para se defender.

Mas, quando se trata da Palavra de Deus, toda máscara protetora, consciente ou não, que usa diante do patrão ou qualquer autoridade, cai logo. O povo sabe e sente, de maneira viva e muito sadia, que a Deus ninguém engana, e que Sua Palavra é de confiança, é força para rejeitar e superar toda mentira. Afinal, o campo religioso é o único em que pode ter a vontade no livre funcionamento de sua consciência aberta e descoberta.

A escuta do Texto Sagrado lhe cria o espaço em que pode estar em familiaridade com Deus, pois sente, confusa ou claramente, que a Palavra bíblica é também a única que não domina e oprime mas esclarece ao mesmo tempo que reergue. "Senti o peso das minhas fraquezas, e me voltei para a misericórdia de Deus, para fazer a sua vontade"...

Podemos subentender: "Diante de Deus, a minha pequenez não me esmaga como me envergonha diante do Grande. Posso contar com a misericórdia para dizer, de boa fé e de bom coração: "Sim, Senhor, quero fazer a tua vontade"... "Não te escondi a minha maldade", dizia o salmista, a quem Deus respondia: "Vou lhe ensinar o caminho por onde você deve ir, vou guiá-lo e orientá-lo" (Sal 31,5...8). Mas uma vez, a mesma experiência que perpassa através dos tempos e espaços!

Aquele que possui poder e riqueza esconde seus erros para não perder o cartaz diante dos outros, tem que mostrar cara limpa para conservar seu prestígio e lugar de dominação. A Palavra lhe constitui uma denúncia que não suporta. Melhor é então ignorá-la. Para o pobre, que não tem nada para perder, não existe o medo envergonhado, não há lugar para o complexo de culpabilização. "Deus é maior", diz ele, soltando a Carta de João que provavelmente não conhece mas vivencia: "Se nosso coração nos condena, Deus é maior do que nosso coração, e conhece tudo" (1João 3,20).

Ai está a segurança inabalável do pobre, mais vivenciada que expressa. Todas as palavras sálmicas, em particular, nele ressoam sempre com grande relevância, e acompanham o seu ritmo diário: "Deus é bom... Deus é o nosso bom Pai... Ele tem compaixão... Ele suspende os braços para nós... Deus levanta quem cai." O pobre, que se assume como fraco e pecador, acredita no perdão de Deus e nele experimenta uma re-criação que, não raro, passa a traduzir da maneira seguinte:

“A Palavra de Deus me falou bem alto, ela penetrou no meu coração e o limpou. Me senti tão leve depois, estava todo animado”. E ali já aponta a esperança.

Embora tão rico, esse valor de perdão criador na caminhada do povo muitas vezes não deixa de se abrigar na cerca da consciência individual através da relação “Deus-eu”, e não passa da cerca para viver o mesmo na relação “irmãos-eu”. Enquanto o povo não chegar ainda a uma dimensão mais coletiva de organização do trabalho, de movimentos populares, mais dificilmente realizará a passagem entre a Palavra Revelada a cada um e a Palavra Reveladora da nossa história que se vai descobrindo frente às contradições, às durezas da realidade. Um mundo de conflitos, de divisões, de desamor chama pela reconciliação em que se faz necessária a exigência de perdoar. A obrigação de “fazer as pazes” nem sempre é coerente com a certeza pessoal que cada qual tem da misericórdia.

De vez em quando, luta, no mutirão, numa greve ou tentativa de greve, o povo vai pouco a pouco alargando sua consciência de classe trabalhadora. A Palavra de Deus projeta sua luz sobre esses passos solidários. A resistência porém, em perdoar ao irmão, vigora ainda muito no interior onde a vingança se mantém às vezes por gerações. “Quem perdoa não é homem. É frouxo!...”

Essa mentalidade que corre no povo, sem dúvida, deita raízes culturais mais profundas, do que raízes morais e religiosas. O povo foi sem-

pre oprimido, e nunca se viu um opressor pedir perdão a quem esmagou e injustiçou! O perdão social nunca teve imagem e lugar na vida do povo trabalhador, só e sempre mandado com rigidez, e mesmo violência, num quadro de referências de produção. Esta frustração encoberta faz com que o pobre viva altamente a espiritualidade da Compaixão de Deus “que ouviu o clamor do seu povo”. Ao abrir o Evangelho confirma-se, na certeza que Jesus condenou a sociedade injusta, jogando os alicerces de um novo modelo de sociedade fraterna. Assim o pobre se dá por certo que Deus está do seu lado, e não do lado de quem quer manter um sistema de desigualdade. “A gente se assustou, encontrando esse Filho do Deus do Céu que escolhe, por escolha, a nossa situação de humildes trabalhadores para trazer a esperança, como um de nós”, dizia um outro camponês.

A Palavra do Senhor dos Humildes arrasta o povo que nela se sente assumido e acolhido, ao passo que a mesma Palavra do mesmo Senhor assusta os ricos e poderosos que logo nela se acham ameaçados em suas seguranças, e “derrubados dos seus tronos”. Contar com a misericórdia de Deus desdobra a fé do povo que, a partir daquela crença, se une para pedir tal ou tal benefício, como a chuva, por exemplo. As procissões de penitência são as manifestações mais típicas desta confiança reta. Nelas a consciência do povo quer “explicar” seus pecados, para conseguir a bondade do Todo-Misericordioso.

Carregando, porém, seu pecado, o povo carrega, sem sabê-lo, o peca-

do do mundo, fonte de tanta dor nas engrenagens opressoras e aniquiladoras da sociedade vigente. Novo Servo sofredor, como O de Isaías, Servo que “tomou tudo sobre si como se fosse o culpado de tudo”! É preciso participar de um acompanhamento penitencial na roça, para se penetrar na profundidade desta fé na “divina misericórdia” que passou a significar, para o povo, o ponto alto da sua espiritualidade.

“A Palavra nos mostra o caminho certo...”

O fruto desta fé coloca o pobre, consciente de sua fragilidade perdoada, numa postura de dependência radical em que a Palavra tem plena audiência e crédito definitivo: “A vontade de Deus terá sempre que ser feita: A Palavra de Deus nos mostra o caminho certo”, assim terminava Vilebaldo. É conclusão mesmo, pois nem se discute. O Salmista não falava melhor: “A tua Palavra é uma lâmpada para o meu caminho, uma luz para me guiar. Cumprirei a tua vontade e obedecerei às tuas ordens que são justas” (Sal 118, 105-106).

Sempre frustrado e enganado pela linguagem política, cuja “falação” é só de promessa a nunca se realiza, o povo simples experimenta, na sabedoria esclarecida de sua vida, que a Palavra de Deus não pertence ao conjunto das palavras humanas. Ela vale mais que a soma de todos os pronunciamentos dos homens. Só ela realiza o que promete. “Ela vem de longe, dizia alguém, e faz a Verdade”.

Nem sempre, é claro, aparece o “milagre” que os pobres esperam, mas, não poucas vezes, eles colhem a Palavra um sinal que vem confortá-los na caminhada e conformá-los na fé. Aliás, os que não têm outra segurança que a Providência, testemunham os “milagres” que o Senhor opera em favor deles: “Já sofri muito, mas graças a Deus, que sempre me amparou, venci tudo”. “Não tinha nada mais em casa para os filhos comerem. Me apeguei a nosso Bom Deus. Abri as Escrituras Sagradas e acendi uma vela. Rezei com pureza de alma. Ajoelhei e rezei as palavras benditas: “O Pão nosso de cada dia dai-nos hoje, pois vamos morrer”. Acredite: — Deus me perdoe, meu Bom Pai — mas uma hora depois passou um senhor que me trouxe uma feira”.

Quando o povo discerne e interpreta esse tipo de sinal na sua vida, entrega então toda sua existência, acontecimentos grandes e pequenos, à luz da Palavra. Ela torna-se raio X da vida, e a vida vai refluindo a irradiação da Palavra. É comovente e desafiante decifrar a conaturalidade que existe entre os valores convividos pelo povo pobre e os anunciados pelo Evangelho. Bastaria esse testemunho, colhido num grupo bíblico, para nos convencer, se necessário: “Quando descobrimos Jesus Cristo no Evangelho, daí por frente decidimos sair no rastro dEle, e pensar melhor nas suas palavras e nas suas ações.

“Foi como um achado. A gente se inculcou que Jesus não estava tão longe de nós. O que Ele diz está tudo dentro da realidade nossa. A

vida diária do trabalhador não passa de uma história que a gente vai vivendo. Dentro dela acontece tudo que está escrito nas palavras da vida de Jesus. As palavras d'Ele podem cair direito no nosso ouvido hoje. É só a gente ler ou escutar uma vez, duas vezes, pensar na realidade da vida e encaixar nela o Evangelho. Todo mundo compreende fácil que o Evangelho está aí, no meio do nosso caminho. Desta hora em diante, tudo vira descoberta. Nós vimos o mundo novo que nossos olhos antes não enxergavam, e vivemos uma vida nova."

Lógica implacável dos simples, incrível capacidade de se deixar transformar, pois o coração do povo da roça não conhece dobras e complicações. Assemelha-se à terra generosa que sempre se abre para receber e logo dar. Nunca se trata de "saber" mas sim de "prática". O vai-e-vem entre Vida e Palavra é recíproco e constante: Uma nem se pode entender sem a outra. Sim, Vilebaldo tem razão: "A Palavra nos mostra o caminho certo". E felizes seremos se pudermos entendê-la também na caminhada do povo.

Vimos, a partir de um depoimento popular, como o pobre se relaciona com a Palavra de Deus. Resta agora responder brevemente à seguinte pergunta: "Quais as motivações e estímulos que o povo encontra na Palavra? Como a Palavra se apresenta ao povo?"

Uma Palavra de resistência...

É a Palavra quem promove e mantém a resistência do povo a

qualquer forma de opressão. É a referência, primeira e última, que amadurece a fé popular num anseio de justiça, numa esperança forte de um futuro que já **desponta**, numa esperança em que Deus libertará todos os oprimidos da terra. Através dos Profetas ele aparece como a Palavra que comunica aos homens a "cólera" de Deus contra todos aqueles que pisam o pequeno e, conseqüentemente, justifica, para ele, toda tentativa de sair da injustiça. Escutemos Amós: "...Os habitantes de Israel pecam sem parar... Venderam, como escravos, pessoas pobres que não podiam pagar suas dívidas. Trocaram pessoas por um par de sapatos..."

"Eles pisam os pobres e agridem os mansos... Por isso Eu farei vocês gemerem como carroça carregada de feixes de cereais" (Amós 2, 6-13). Esse texto, e muitos outros, motiva o povo para a luta, e desenvolve sua força de oposição à violência. Toda mensagem profética fala tão alto ao pequeno agricultor acossado pelo grileiro que, certo dia, numa reunião bíblica, uma mulher dizia: — "Nós, pobres, temos o dever de levar as palavras proféticas aos ricos"!

Diferente é a palavra sálmica que, numa forma de oração nascida no coração dos Pobres de Israel, oferece aos pobres do campo imagens e súplicas para sua reza: "Tu sabes Senhor como estou aflito... Quando eu pedir a tua ajuda, os meus inimigos fugirão..." (Sal. 56, 8). Ou ainda, quando o conflito entre opressor e oprimido, ontem como hoje, se articula ao redor da

armadilha: "Os meus inimigos armaram uma armadilha para me pegarem... e eu fiquei muito aflito. Fizeram uma cova no meu caminho, mas eles mesmos caíram nela" (Sal. 57, 6). Então, o grito do aflito torna-se apelo à vingança, apelo que sobe até o céu: "Senhor por que ficas tão longe? Por que te escondes em tempo de aflição? Os maus são orgulhosos e perseguem o pobre. Que eles caiam nas suas próprias armadilhas!" (Sal. 10.1-2).

Portadora do clamor do povo, a Palavra bíblica garante os direitos dos mais pequenos. Basta reler o Êxodo com o pessoal, para sentir a vibração e a motivação que desperta. Se Deus derrotou os faraós egípcios naquele tempo, não deixará hoje que os "tubarões" engulam os fracos, "pois o seu amor é para sempre":

"Ali, no mar, afogou o faraó e seu exército, pois seu amor dura para sempre... Matou reis poderosos, pois seu amor dura para sempre... Deu a seu povo as terras desses reis, pois seu amor dura para sempre. Deu essas terras ao povo de Israel... O seu amor dura para sempre" (Sal. 136, 15-21-22).

Palavra de Compromisso

Enfim, a Palavra de Deus apresenta-se como palavra comprometedora. Deus engaja-se totalmente no seu falar, e realiza o que diz: "Quem é Aquele a Quem basta falar, para que as coisas sejam?" (Jer 3, 37-38). O que Deus quer, Ele faz. Entre a Palavra e sua realização não há falha nem mesmo

prazo. Aliás, a Palavra divina não pode ser improdutiva uma vez que por natureza é Vida:

"Todos saberão que Eu sou o Senhor... Quem abate a árvore soberba e exalta o humilde arbusto? Quem seca a árvore verde e faz florescer a árvore seca? Eu, o Senhor, o disse e o farei" (Ez 17, 24).

Tal realismo não deixa de ter grande repercussão na alma do povo. Não há necessidade de identificar as árvores soberbas e os arbustos humildes. A Palavra de Deus é mesmo entendida. É valentia dos pequenos. Deus comprometeu-se a favor deles. No entanto, parece demorar a chegada deste Reino de Paz e Justiça em que todos desejamos conviver. Até quando, Senhor? Mesmo assim, melhor do que qualquer um de nós, o lavrador conhece o segredo das expectativas demoradas, e as longas paciências das germinações. Então, entra de cheio na resposta de Isaías:

"Como a chuva cai do céu... e não volta para lá sem ter molhado a terra, sem a ter fecundado, e feito germinar as plantas, assim acontece com a Palavra que profere a minha boca: não volta sem ter produzido seu efeito, sem ter executado minha vontade e cumprido sua missão" (Is 55, 10).

Se as criaturas, como a chuva e a terra, submetem-se tão naturalmente à Palavra que rege sua existência, quanto mais o homem, que pode colaborar com seu poder criador. Assim vai, mais ou menos, o raciocínio que Isaías desperta no coração do povo. O camponês, então,

que liga facilmente todas as coisas, se põe a pensar: "Se todas as sementes da Palavra Viva que abriga o coração da gente viessem a brotar, transformariam o sertão brabo da nossa vida numa roça fértil em que cada qual faria o seu plantio e dele tiraria seu pão. E por que não acontece?"

A Palavra grávida de Vida para dar a Vida, nos indica a direção. Cabe-nos dar-lhe nossa fé para colher o fruto e a recompensa pelas energias que despende.

Ao terminar essas reflexões, precisaria voltar à casa de Vilebaldo e lá, no silêncio da noite, prolongá-las na escola dos Humildes. Um longo caminho nos resta a percorrer, para entrarmos na fé sem desmaios do povo, até que se realize o oráculo do Senhor: "Naquele dia ninguém terá encargo de instruir seu irmão dizendo: Aprende a conhecer o Senhor, pois todos me conhecerão, grandes e pequenos. Pois a todos perdoarei as faltas sem guardar nenhuma lembrança de seus pecados" (Jer 31, 34).

Diálogo — 4 —

Bíblia: "Eu vou abrir os túmulos de Vocês. Eu vou tirar Vocês das sepulturas" (Ez 37,12). "Vocês ficarão sabendo que Eu, o Senhor, digo e faço" (Ez 37,14).

Leitor: Só pode ser protagonista quem estiver nestas circunstâncias de falar e cumprir. A vida sem fim é o anseio mais radical do homem. Querer viver sempre é a síntese dos mais diversos aspectos das dificuldades, sofrimentos e ansiedades do homem. A promessa e a certeza de uma vida sem fim é a esperança mais alegre da revelação cristã.

Bíblia: "Quem guardar a minha palavra não verá a morte eternamente" (Jo 8,51). "Ele ressuscitou como tinha dito. Vinde e vede" (Mt 28,6).

Leitor: É a vitória definitiva da vida sobre a morte, sobre a desesperança. A vida não se acaba com a morte. A morte não é o fim da vida. É, sim, a condição para se chegar à ressurreição, que é a plenitude da vida. Saiba, creia e confesse: a vida é plena só além da morte.

Bíblia: "Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16).

LIVRO NOVO

1. Título:

MANUAL DE ANIMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA

2. Autores:

Pe. Jaime Sullivan, OMI
Pe. Ruben Elizondo, OMI

3. Informações técnicas:

Editora: Publicações CRB
Ano: 1984
Número de páginas: 372
Tamanho: 14,5 cm × 21 cm
Preço unitário: Cr\$ 3.900,00 (mais o correio)

4. Destinatários:

De modo **GERAL**: todo e qualquer Religioso e Religiosa. De modo **ESPECIAL**: aqueles que estréiam na Vida Religiosa: noviços, noviças, junioristas, formandos de formação inicial e subsequente. De modo **SUBSIDIÁRIO**: Mestres, Mestras, Formadores, Formadoras.

5. PEDIDOS:

A sede de sua CRB REGIONAL ou à CRB NACIONAL

O povo diz, com acerto: dize-me com quem andas e te direi quem és. Os livros de nosso convívio não constituem propriamente uma escolha, em si, e sim uma afinidade eletiva. Por eles há de saber-se, senão o que somos, pelo menos o que pretendemos ser. **Manual de Animação para a Vida Religiosa** é livro para ficar ao alcance da mão porque ajuda a descobrir o roteiro que condiz com as inclinações de nossa vocação de Religiosos. Ajuda a manter sintonia com esta opção ao embate do processo de influências subliminares e conscientes. Lendo e interiorizando **temas**, tais como: **Eucaristia, oração, conversão, Maria, carisma, comunidade, missão** ... cada Religioso acaba vivendo e conjugando pensamento e ação, de forma coerente; acaba se descobrindo a si mesmo, com nitidez programática, na ordem das suas afinidades constitutivas. A Vida Religiosa, com maior facilidade, passa, então, a ser saboreada como progressiva conquista pessoal. Conquista de excelência, pois neste projeto de vida, ou se vive, com excelência, a vida cristã, ou se morre, de vez, para a Vida Religiosa (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).